



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES/ICHCA
CURSO DE TEATRO LICENCIATURA

Laís de Paiva Gonçalves

**CIA DE ARTES PRESENÇA: A FORMAÇÃO DE UMA ARTE EDUCADORA EM UM
PROJETO SOCIAL**

Maceió/AL

2023

Laís de Paiva Gonçalves

CIA DE ARTES PRESENÇA: A FORMAÇÃO DE UMA ARTE EDUCADORA EM UM PROJETO SOCIAL

Trabalho de conclusão de curso elaborado por Laís de Paiva Gonçalves, orientado pelo Professor Doutor Marcelo Gianini, para a conclusão do curso de Licenciatura em Teatro.

Maceió/AL

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Setorial do Espaço Cultural
Divisão de Tratamento Técnico
Valdir Batista Pinto – CRB - 4 - 1588

G635c Gonçalves, Laís de Paiva.

Cia de artes presença: a formação de uma arte educadora em um projeto social. / Laís de Paiva Gonçalves – 2023.

65 f.: il

Orientador: Marcelo Gianini.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Teatro) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes Maceió.

Bibliografia: f. 55 - 56

1. Significado social do teatro. 2. Educação. 3. Artes. I. Título.

CDU:792.011.2

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus por ter colocado em meu coração o desejo de utilizar a arte como uma ferramenta educacional em meio a um espaço totalmente marginalizado.

Agradeço a minha mãe, Vicentina José de Paiva, por ter desde o início me apoiado em todas as decisões que tomei, acreditando em todos os meus sonhos e sempre reconhecendo a minha capacidade. Sem isso, eu não teria forças para chegar até aqui. Assim como meus irmãos, Laion Paiva e Samara Paiva, que são os meus alicerces, o amor que sentimos nos manteve unidos.

A instituição Casa do Menor São Miguel Arcanjo que me lançou ao mundo artístico e social, me capacitando e potencializando habilidades que eu desconhecia e agora me utilizo delas para lançar luz em outras crianças e jovens.

Agradeço ao meu companheiro Jackson Carvalho, que deixou tudo no Rio de Janeiro para me dar o suporte necessário ao decidir ir morar em Maceió/AL exclusivamente para estudar. E também a minha filha do coração, Victoria Carvalho, que se tornou o meu ponto de equilíbrio quando o mundo parecia desmoronar.

Por ter vivenciado uma parte da graduação de forma remota devido a pandemia de Covid-19, a união da turma foi essencial para todos, nos apoiamos e ajudamos em diversos momentos, obrigada turma 2019.1 e aos professores de teatro que fizeram de tudo para tornar mais leve este crítico período.

Não basta gritar contra as trevas, é preciso acender uma luz!
(Renato Chiera)

RESUMO

Pesquisa e análise sobre como a arte exercida dentro de comunidades periféricas com a ONG Casa do Menor São Miguel Arcanjo em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro vem ajudando desde 1986 no desenvolvimento de crianças e jovens que estão em situação de vulnerabilidade social a partir do relato das minhas experiências nesta instituição. As crianças e os jovens que chegam até nós estão marcados social e psicologicamente de diversas formas e tentam preencher a vida de várias maneiras, algumas vezes de uma forma violenta. Como contribuir para o crescimento enquanto cidadãos e cidadãs? Como superar estas carências sociais? Na Casa do Menor encontramos formas de superar essas feridas, e uma delas é através da arte. Os jovens aprendem a se tornarem protagonistas de suas histórias e se empoderar em seu território que atualmente é um local de disputa. Através da arte, esses jovens têm a chance de se revelar e começar a exercer o direito à vida, à dignidade e à plena cidadania.

Palavras chave: Pedagogia Presença; ONG Casa do Menor; Protagonismo Juvenil; Pedagogia das Artes Cênicas; Projeto Social.

ABSTRACT

Research and analysis on how art practiced within peripheral communities with the NGO Casa do Menor São Miguel Arcanjo in Nova Iguaçu, Rio de Janeiro has helped since 1986 in the development of children and young people who are in situations of social vulnerability based on the report of my experiences at this institution. The children and young people who come to us are socially and psychologically marked in different ways and try to fulfill their lives in different ways, sometimes violently. How can we contribute to growth as citizens? How to overcome these social needs? At Casa do Menor we find ways to overcome these wounds, and one of them is through art. Young people learn to become protagonists of their stories and empower themselves in their territory, which is currently a place of dispute. Through art, these young people have the chance to reveal themselves and begin to exercise their right to life, dignity and full citizenship.

Keywords: Presence Pedagogy; NGO Casa do Menor; Youth Protagonism; Performing Arts Pedagogy; Social Project.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Creche Comunitária Nossa Senhora das Graças	24
Figura 2 - Apresentação em São Paulo.....	25
Figura 3 - Grupo de dança Adolêschwartz.....	27
Figura 4 - Show da Katiane Silva no trio elétrico	28
Figura 5 – Conhecendo a neve com Pe Renato Chiera.....	29
Figura 6 - Apresentação do espetáculo “LasciateSognare”	30
Figura 7 - Festividade dos 30 anos da Casa do Menor.....	32
Figura 8 - Aula de dança em Vila Claudia.....	32
Figura 9 - Alunos do projeto Corpo Expressa Urbanidades.....	35
Figura 10 - Oficina com Christian Santos.....	38
Figura 11 - Oficina com Christian Santos.....	38
Figura 12 - Oficina com Arielle Macedo.....	40
Figura 13 - Oficina com Arielle Macedo.....	40
Figura 14 - Oficina com Arielle Macedo.....	41
Figura 15 - Oficina com Juliana Nascimento.....	42
Figura 16 - Oficina com Juliana Nascimento.....	43

LISTA DE ABREVIações E SÍMBOLOS

CIDAH - Centro Cultural Dom Adriano Hipólito

CMSMA - Casa do Menor São Miguel Arcanjo

ONG - Organização Não Governamental

Pe. – Padre

UNICEF – Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas Para a Infância – em inglês: United Nations International Children’s Emergency Fund.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

ECA - Estatuto da Criança e Adolescente

UniRio - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CASA DO MENOR SÃO MIGUEL ARCANJO.....	14
2.1 Acendendo uma luz.....	14
2.2 Pedagogia Presença.....	16
2.3 Caminhos.....	20
3. CIA DE ARTES PRESENÇA.....	23
3.1 Minha história.....	23
3.2 Projeto Corpo Expressa Urbanidades	34
3.3 Experiência dos Alunos	44
4. NÓS POR NÓS	49
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE	57

1. INTRODUÇÃO

Quero com esta pesquisa mostrar a importância que a cultura desenvolvida pela instituição Casa do Menor São Miguel Arcanjo tem nas comunidades em que atua na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Através da arte os jovens descobrem suas potências e se encontram em meio a sua própria história, tendo o apoio da ONG em diversas situações de vulnerabilidade, deixando sua invisibilidade de lado e se tornando protagonistas de sua vida.

Eu sou resultado dessa instituição, na qual fui acolhida em seus programas sociais desde os dois anos de idade por vir de uma família em situação de vulnerabilidade social, sempre recebi ajuda dos programas de assistência social da instituição. Na fase da adolescência, com 13 anos de idade, comecei a fazer diversas atividades culturais como: dança, teatro, percussão, desenho, capoeira. Passava o dia inteiro no CIDAH¹, fazendo arte, brincando, conversando e aprendendo a me tornar uma pessoa melhor. Depois integrei o núcleo artístico da instituição, a Cia Ru'Art, comecei a representar a Casa do Menor através dos espetáculos de dança e teatro até que me tornei funcionária da instituição na área administrativa aos 19 anos. A partir dessa oportunidade pude mostrar ainda mais os conhecimentos adquiridos através do próprio trabalho que realizaram comigo, porque depois de três anos trabalhando na área administrativa me solicitaram para ser a nova instrutora de dança e teatro e vir a formar o novo núcleo artístico pois com a saída do professor anterior, todos os alunos da companhia de espetáculo também saíram da instituição. Nasceu a Cia de Artes Presença, na qual tive o desejo de realizar na vida de diversas crianças e jovens o que um dia fizeram comigo, e tentando executar de uma forma ainda melhor, pois sempre busquei esse olhar pedagógico dentro da arte, sendo presença como a própria pedagogia da instituição que deu o nome a companhia sugere. E foi esse olhar atento à pedagogia dentro da arte que motivou a minha escolha em cursar a graduação de Teatro - Licenciatura.

A riqueza cultural existente nas periferias precisa ser olhada e cuidada com carinho. Percebo que nada melhor do que alguém que faz parte disso, escrever e mostrar essas potencialidades existentes, ressaltando como o trabalho de uma instituição nessas regiões é de extrema importância, ajudando a transformar a

¹ O CIDAH - Centro Cultural Dom Adriano Hipólito é um espaço localizado em Miguel Couto, Nova Iguaçu (RJ) onde oferece atividades culturais e esportivas para a comunidade de forma gratuita. Este espaço é um dos polos culturais da Casa do Menor São Miguel Arcanjo.

realidade cruel de quem sempre se sentiu abandonado e excluído na sociedade, assim como um dia eu me senti. Passei um processo doloroso para me reconhecer enquanto uma mulher negra, pobre e periférica. A arte tem esse poder de nos dar voz, por isso quero através da minha pesquisa, valorizar a cultura da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro; fortalecer o lugar de fala que tantos jovens das comunidades de Vila Claudia, Shangri-lá e Miguel Couto adquiriram através da Cia de Artes Presença; mostrar como a arte auxilia no processo de identificação e pertencimento à comunidade na qual o jovem está inserido; lançar luz sobre a invisibilidade que diversos jovens estão vivendo ao pertencerem a uma comunidade periférica; e o papel da arte no fomento de um protagonismo periférico onde o Estado não alcança.

Apreendi através da dança e do teatro a transformar toda a minha dor e revolta em arte, a produzir uma cultura que se origina da periferia para a própria periferia, mas que também é para ser vista fora dessa bolha. E quando me refiro a sair da bolha, digo acessar os espaços que foram negados a nós, como museus, teatros, congressos. Mostrando que a periferia também produz conhecimento cultural e tem muito a dizer sobre o que vivenciamos e o desejo de construir um local melhor para viver. O medo não deve nos dominar, apesar de fazer parte do nosso dia a dia. Produzir cultura nos dias atuais é um ato de resistência.

O primeiro capítulo aborda o surgimento da Casa do Menor e como este acontecimento foi determinante na criação de sua metodologia de trabalho de ser Presença na vida das crianças e jovens da comunidade. Também é possível observar como este trabalho não se limitou à Baixada Fluminense do Rio de Janeiro e se expandiu para outras cidades, estados e até outros países. Construindo uma riqueza de oportunidades através das suas casas de acolhimento, cursos profissionalizantes e atividades esportivas e culturais.

No segundo capítulo já apresento a minha história que é fruto deste trabalho institucional desde o período em que fui atendida até me tornar funcionária da ONG, levando ao surgimento da Cia de Artes Presença quando assumi o cargo de professora de dança e teatro. Foi através desta oportunidade que pude desenvolver outras habilidades que ainda desconhecia, levando a instituição a ter o seu primeiro projeto de dança aprovado em um edital da Secretaria de Cultura e Economia

Criativa do Estado do Rio de Janeiro. Também compartilho o processo e como foi para os alunos participar do Projeto Corpo Expressa Urbanidades, tendo a oportunidade de fazer apresentações artísticas e oficinas formativas com professores convidados.

Para organizar a história da instituição e sua metodologia de trabalho me utilizei dos livros escritos pelo fundador da instituição, o Pe. Renato Chiera. Por se originar na periferia e ter como um dos objetivos o protagonismo da juventude, a ONG tem muito do que Paulo Freire aborda em sua Pedagogia da Autonomia, sendo utilizado inclusive em nossos processos formativos enquanto funcionários. Visitei meus arquivos pessoais para trazer as memórias mais marcantes da minha trajetória, e também desenvolvi um formulário para que os alunos que fizeram parte do projeto pudessem deixar suas impressões e contribuir para o resultado desta pesquisa.

2. CASA DO MENOR SÃO MIGUEL ARCANJO

Casa do Menor São Miguel Arcanjo: é nesta instituição que tudo começa a fazer sentido em minha vida.

Neste capítulo, o objetivo é contar o surgimento da instituição e o seu trabalho pedagógico em diversas regiões do Brasil, mais especificamente na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Também tenho o objetivo de abordar a pedagogia Presença que fundamenta esta pesquisa.

2.1 Acendendo uma luz

A Casa do Menor, como é chamada pelos moradores da região de Miguel Couto em Nova Iguaçu/RJ, foi fundada em 1986 pelo Padre Renato Chiera após uma sucessão de acontecimentos trágicos na região. Renato Chiera é padre e doutor em Filosofia, nascido na Itália na cidade de Piemonte, veio para o Brasil no ano de 1978, atualmente é conhecido como “padre de rua” por não pertencer a nenhuma paróquia e dedicar sua vida mergulhando na realidade da exclusão. Foi através da morte do jovem Carlos Martins, conhecido como Pirata, de apenas 18 anos, que nasceu a vontade de acender uma luz sobre as trevas. Pirata era um rapaz que viveu na rua desde pequeno e foi acolhido na garagem da igreja onde o Padre Renato era pároco, dormiu ali por muito tempo e depois o padre arrumou um quatinho ao lado da garagem. Mas ele tinha um passado, a polícia sempre passava por ali mas não tinha coragem de perguntar sobre ele, ficavam apenas olhando. Até que um dia o Pe. Renato foi advertido pela polícia que caso o encontrassem iriam pendurá-lo em uma árvore e rachá-lo ao meio para servir de exemplo a toda comunidade. “Pois bandido é bandido e toda maçã podre deve ser eliminada.”

Pirata foi melhorando, já não fumava drogas, trabalhava, sonhava construir sua casinha, encontrar uma namorada. Numa noite de domingo, enquanto dormia na varanda sonhou que foi assassinado. Na Segunda-feira o seu pesadelo se tornou realidade. Ele foi trucidado. Não lhe perdoaram de um estupro que não cometera. (CHIERA, 1996, p. 34)

Este é apenas um dos diversos meninos moradores das ruas da região de Miguel Couto em que o Pe. Renato Chiera ajudou. Diziam que ele era louco por se envolver com esse tipo de gente, pois eram perigosos, mas ele sempre sentia a angústia e se perguntava: “Por que não se faz nada?”, e a passagem do evangelho lhe marcava: “Cada vez que fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a

mim o fizestes” (Mt 25,40).

Em uma segunda-feira pela manhã quando ele liga o rádio escuta a seguinte notícia: “Padre da Baixada Fluminense denuncia esquadrões de morte durante missa de domingo na Matriz. Tem em mão a lista de jurados de morte.” Quem inventou essa história? Sequer ele celebrou missa naquela igreja anunciada na notícia. Um jornalista lhe perguntou sobre essa denúncia e ele respondeu que não tinha listas e não tinha feito nenhuma denúncia. Mas todos sabiam da existência dos *esquadrões de morte*² em Miguel Couto, onde foram assassinados trinta e seis jovens em um único mês, no ano de 1985. Saiu na primeira capa de um jornal e a noite a sua casa já estava cercada de carros da polícia. A população começou a ficar assustada e diziam que era melhor se afastar do padre para não correr o risco de ser morto com ele. Poucas foram as pessoas que permaneceram perto dele. A polícia já havia informado que ele estava na mira dos esquadrões de morte, que sua situação era perigosa.

Se envolver na causa de quem sempre foi invisibilizado pela sociedade e pelo poder público, tornou este italiano ainda mais apaixonado pela sua missão. Chegou a ficar conhecido como “padre coveiro” por enterrar diversos adolescentes. A revolta de perceber que nada era feito para ajudar quem mais precisava naquele momento, fomentou a vontade de agir, fazer o que o Estado não se importava. Mas ele precisava de o mínimo de uma infraestrutura e organização, não poderia abrigar os jovens em sua casa. Começou a perguntar quem queria ajudar, as pessoas silenciavam, ainda tinham medo.

O primeiro espaço com infraestrutura para acolher os jovens em situação de rua foi doado por um senhor da Alemanha que quis manter o anonimato. A Paróquia de São Wolfgang, em Dieburg, Alemanha, enviou de forma misteriosa o dinheiro. Renato Chiera sempre teve muitos amigos pela Europa e até hoje a instituição se mantém através de doações vindas de grupos de voluntários que ajudam essa missão. Os meninos acolhidos que a batizaram oficialmente como Casa do Menor, diziam que precisavam de uma casa de carinho, de família e ali se sentiam em casa.

A partir daqui não entrarei em muitos detalhes deste lindo processo que foi oficializar este trabalho, que está presente no livro *Filhos do Brasil* escrito pelo padre

² De acordo com o Jornalista e Pesquisador, Bruno Paes Manso (2020), os esquadrões de morte são um grupo de paramilitares fortemente armados que dominavam determinadas regiões do Rio de Janeiro nos anos de 1960.

Renato Chiera. Tudo começou com a vontade de dar um lar e uma oportunidade aos jovens esquecidos da nossa sociedade. Mas não lhes bastava um lar, também precisavam de acesso à educação, cultura, lazer. E assim surgiu o espaço com cursos profissionalizantes que foram ofertados a toda comunidade local e a criação de um espaço cultural para desenvolverem suas habilidades artísticas.

Atualmente a Casa do Menor São Miguel Arcanjo está presente em outros estados. Além do trabalho desenvolvido no estado do Rio de Janeiro nas cidades de Belford Roxo, Nova Iguaçu e Rio de Janeiro, também atendem crianças e jovens na cidade de Santana do Ipanema, em Alagoas, Fortaleza, no Ceará, e Taperoá, na Paraíba. Na Itália, tem uma sede onde são feitos trabalhos voluntários para arrecadar dinheiro e auxiliar na demanda da instituição.

2.2 Pedagogia Presença

Através de suas reflexões nas vivências diárias com os jovens acolhidos pela Casa do Menor, a instituição desenvolveu a Pedagogia Presença, que não é uma pedagogia sistematizada, como o próprio livro Presença escrito pelo Pe. Renato Chiera (CHIERA, 2008), sugere. Em seu livro, o Padre Chiera nos leva a refletir sobre as experiências de mais de 36 anos vivenciadas a fim de contribuir para uma educação nas fronteiras da exclusão de crianças e jovens que se tornam violentos por não se sentirem amados. Segundo o padre, as crianças e os adolescentes não vão para a rua e para as drogas só porque são pobres: eles saem de casa e se perdem quando não vivem uma realidade de família nem de amor. Se eles têm pai e mãe que os amam, preferem ficar com a família e passar fome a ir viver nos abrigos da Casa do Menor. E o inverso também acontece: se em casa só recebem violência e não se sentem amados, não querem retornar para a família mesmo tendo condições materiais. Mas aqui irei traçar as experiências que me atravessaram enquanto aluna, colaboradora e voluntária desta instituição.

Independente de atualmente não ser uma funcionária dentro do regime CLT, assumi o compromisso de ser voluntária desta causa. Digo que esta é uma missão de vida, levar esta pedagogia para o meu dia-a-dia, demonstrando de forma prática como ser presença na vida de quem nos cerca é transformador, não apenas para os atendidos que chegam até a Casa do Menor.

Essas crianças e jovens chegam marcados pelas suas histórias, indo de abrigo em abrigo, não se sentem acolhidos e amados. O que faltava não era apenas um local onde pudessem dormir com segurança e conforto, mas se sentirem verdadeiramente amados. E isso se reflete não apenas nas crianças que são abrigadas, mas também em todos os atendidos pela instituição, sejam alunos dos cursos profissionalizantes ou das atividades culturais.

Precisam de um educador que realmente se importe e se interesse por eles, com suas feridas e sofrimentos, precisam se sentir aceitos como são e precisam se sentir amados. Para Chiera, todos são educadores; independente da função que desempenhem na instituição, devem ser essa família que gera a presença entre as relações. Por isso a escolha dos colaboradores é feita com muito cuidado. Precisam ser pessoas que se identifiquem com a causa pois no decorrer do trabalho se tornam referência para estas crianças, adolescentes e jovens. Estes, quando encontram essa referência, se fixam e não sentem vontade de ir embora. Isso faz toda diferença. Na rua eles têm acesso a muita coisa, mas dificilmente ao amor e isso é muito importante no processo de formação do indivíduo. Uma pessoa que cresce em meio à violência, provavelmente não sabe nem receber esse amor e fica reproduzindo atitudes de insensibilidade e indiferença, num círculo vicioso difícil de romper. É como se existisse uma couraça, uma grande resistência em receber este ato.

A primeira etapa é conseguir se amar, pois tantos jovens chegam à instituição sem nem mesmo se reconhecer. Eu fui uma destas jovens, aprendi a me amar através desta instituição. Crescer em um ambiente de violência faz qualquer adolescente duvidar da sua capacidade e somente nos amando somos capazes de reconhecer as nossas potências e conseguir mudar a realidade a qual estamos inseridos. “Todo ser humano precisa de uma presença que o acolha, que o puxe para a vida e extraia o potencial enterrado ou congelado por falta de calor-amor.” (CHIERA, 2008)

Por que as crianças e os adolescentes sofrem tanto no Brasil? São causas que têm suas complexidades, seja de ordem econômica, política, cultural ou ética. Em 2021, o Brasil bateu o recorde de 11% de crianças e jovens fora da escola segundo a UNICEF com dados do IBGE³. Isso é uma estimativa de quase 2 milhões

³ Dados coletados no site:

de crianças e jovens de 06 a 17 anos. E vale destacar que este abandono é maior entre pretos, pardos e indígenas. O país tem uma imensa dívida com estes que vão fazer o futuro acontecer. A criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990 foi um avanço, mas ainda precisa ser feito muito mais. Muita coisa ficou só no papel.

A atenção à criança e ao adolescente ainda é vista como caridade e filantropia. Espera-se que empresários, ONGs, voluntários e “pessoas de bem” assumam este compromisso social, deixando o Estado livre de tal encargo. (CHIERA, 2008). Entendemos que o problema é grave, mas tem soluções. É preciso vontade política, esperança concreta e paixão pela vida para viver a Pedagogia Presença, pois o combustível que a move é literalmente o amor pela causa.

Certa vez, após uma apresentação artística de dança que realizei em uma escola pública em um programa de prevenção ao uso de drogas, o *Freemind*⁴, promovido por uma empresa privada, em Atibaia/SP, uma aluna pediu para conversar comigo de forma particular. Achei que iria pedir informações sobre o projeto, mas na verdade ela pediu ajuda, pois não queria mais voltar para casa porque seu padrasto era violento e abusava dela, e sentiu através da minha partilha a necessidade de se abrir para alguém. Naquele momento eu só queria abraçá-la e dizer que tudo iria ficar bem, dar o máximo de amor possível porque sei exatamente a dificuldade que é para uma adolescente contar sobre suas violências. Nestas apresentações sempre tínhamos o acompanhamento de um psicólogo que fazia parte do programa, assim ela foi encaminhada para atendimento, e eu tive que ir embora, pois ainda tínhamos outras escolas para apresentar neste dia, mas ela ficou marcada em mim assim como também fiquei marcada pra ela. Fico pensando naquela menina, violentada por tanto tempo, e que encontra em um espetáculo artístico a oportunidade de expor sua situação, de tentar sair dela. Eu acredito que talvez ela tenha percebido sua própria potência e o quanto seria capaz de traçar sua própria trajetória sem medo do julgamento da sociedade e da sua própria família. Por um instante que seja, eu fui uma presença de coragem na vida desta jovem, e ela nem imagina o quanto também foi na minha.

Diversas crianças e jovens sofrem diariamente e das formas mais variadas a

<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/doi-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-de-11-a-19-anos-nao-estao-frequentando-a-escola-no-brasil>. Em 01/04/2023

⁴ Em sua tradução *Freemind* significa *mente livre*.

falta de presença seja do Estado, da sociedade, da família, de oportunidades, de futuro..., o que reflete na personalidade destes indivíduos. Só somos capazes de chegar à maturidade humana tendo a capacidade de desenvolver nossas potencialidades. A Casa do Menor São Miguel Arcanjo (CMSMA) assumiu este compromisso de assegurar a eles o direito à vida, à dignidade e à plena cidadania. Sendo presença para toda a população que se sente invisibilizada, que ainda não reconhece seus valores. A ferida da exclusão está se tornando cada vez mais aguda em nossa sociedade.

Ao longo dos anos, a Casa do Menor compreendeu que os atendidos não permaneciam com eles por conta das casas bonitas, da comida, das oportunidades. Ficam, pois se sentem amados. Só o amor os assenta e, aos poucos, os ajuda a amarem a si mesmo e dessa forma adquirem cidadania e protagonismo. Imagine receber um abraço, parece algo tão simples, mas até esse ato é algo complexo para quem nunca recebeu este afeto. São nos pequenos detalhes que a Pedagogia Presença acontece. A raiva e a violência são gritos de quem não foi amado, e a CMSMA surgiu para isso. Por isso todas as pessoas que trabalham na instituição precisam entender esta necessidade e ser como um ventre materno que acolhe e regenera, com o calor do amor, da família; com alimentação, com a escola, a educação para o trabalho e a profissionalização; todos precisam participar do banquete da vida.

E para esse processo de formação com seus funcionários, a instituição para as suas atividades por um dia, em todos os meses do ano. Todas as equipes de diversos pólos do mesmo estado se encontram e existe um momento de formação, partilha, diversão. Eu mesma trabalhava na sede em Nova Iguaçu/RJ e nesses encontros era a única oportunidade para ter contato com a equipe de outras regiões como Guaratiba/RJ, que é bem distante. É um momento de recarregar as nossas energias e receber a formação necessária para conseguir enfrentar as dificuldades que são colocadas no caminho diariamente. Lidar com sentimentos é complexo, e exige da equipe muito mais do que a sua formação profissional, exige uma sensibilidade que só somos capazes de executar ao estar bem consigo mesmo. Este momento é chamado de Retiro, pois nos retiramos dos locais e rotinas para sermos preenchidos pela espiritualidade e também por processos formativos.

2.3 Caminhos

O caminho que a Casa do Menor tem tomado ao longo dos anos é de expansão. Aumentar o seu atendimento e dessa forma atingir outras regiões, não somente a Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, local onde nasceu, é a missão para responder à dramática situação de crianças e adolescentes em estado de abandono no Brasil. Atualmente é muito mais do que uma instituição que tem o objetivo de acolher, pois o trabalho se solidificou e com isso além dos programas de acolhimento, nasceram os cursos profissionalizantes, o programa de Jovem Aprendiz e o desenvolvimento comunitário através de atividades culturais e esportivas.

No Rio de Janeiro o trabalho se desenvolve nas seguintes regiões: Miguel Couto, Vila Claudia, Tinguá, Shangri-lá, Rosa dos Ventos e Guaratiba. Na sede em Miguel Couto, é onde funciona toda a parte administrativa da instituição e ainda o Programa Jovem Aprendiz, em que os jovens que fazem parte dos cursos profissionalizantes têm a oportunidade de serem encaminhados para as empresas parceiras, as casas de acolhimento de crianças e adolescentes, as atividades culturais e esportivas, e em que se situa a principal companhia artística, a Cia de Artes Presença, da qual fui cofundadora quando assumi o cargo de Instrutora de Dança. Em Vila Claudia e Shangri-lá são realizados os trabalhos de desenvolvimento comunitário com cursos profissionalizantes e atividades culturais e esportivas, e também são realizados reforço escolar a fim de melhorar a qualidade de aprendizado dos alunos em suas escolas. Em Tinguá existem três casas de acolhimento: uma para crianças com necessidades especiais, uma para adolescentes em situação de risco pessoal e/ou usuários de drogas, e uma para adultos que são retirados das ruas. Em Rosa dos Ventos funciona uma creche comunitária, cursos profissionalizantes e atividades culturais/esportivas. Por fim, em Guaratiba, que já foi uma casa de acolhimento, atualmente funciona o trabalho de desenvolvimento comunitário através de cursos profissionalizantes e atividades culturais/esportivas.

No Ceará há uma sede em Fortaleza onde funciona uma casa de acolhimento, cursos profissionalizantes e atividades culturais e esportivas para toda comunidade. Também tem uma casa de acolhimento em Pacatuba para adultos que

são retirados das ruas.

Em Alagoas, o local escolhido foi o sertão, em Santana do Ipanema. Onde tem a casa de acolhimento para crianças, cursos profissionalizantes e atividades culturais e esportivas para toda comunidade.

Na Paraíba, a sede fica na cidade de Taperoá. É o local mais recente, foi inaugurado em 2018. Ali é realizado um trabalho de desenvolvimento comunitário com atividades culturais, esportivas e cursos profissionalizantes.

Como foi descrito, o objetivo que começou com a necessidade de atender crianças e adolescentes, hoje se ampliou e não existe um limite de idade para fazer parte dos programas de atendimento. O foco é auxiliar a comunidade na qual está inserida a instituição, gerando oportunidades e sendo presença na vida desta população. A necessidade de se sentir protagonista, ser amada e se tornar visível não é apenas da juventude, é de toda a nossa sociedade que vive um momento extremamente complicado em diversos sentidos.

A Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, que atualmente tem aproximadamente 3,7 milhões de habitantes, vive uma dura realidade de violência. Se quando o Pe. Renato Chiera fundou a Casa do Menor São Miguel Arcanjo existiam os grupos de extermínio, hoje nós temos a violência da milícia⁵ que disputa território com o tráfico⁶ perante a ausência do Estado. E em meio a essa disputa de poder, quem sofre é a população, que acaba por ser privada de acessar os seus direitos.

Segundo Pe. Chiera:

Os cursos profissionalizantes têm por objetivo a formação de mão-de-obra qualificada para atender e facilitar a inserção de jovens no mercado de trabalho[...] Oferecemos uma alternativa real ao narcotráfico e a microcriminalidade.[...]

A participação nesses cursos representa uma oportunidade, tanto para os abrigados como para os jovens da comunidade, de conviverem em grupo; desenvolverem responsabilidade, honestidade, disciplina, aumentarem a auto estima, de serem protagonistas e exercerem a cidadania. E ter futuro. (CHIERA, 2008. p. 152-153)

⁵Milícia é um poder paralelo que não integra as forças armadas do país. Composta por militares, paramilitares ou civis armados que se utilizam de sua força para extorquir a população em diversas regiões. Começou a ocupar espaços em que a presença do Estado é quase nula, como as periferias do Rio de Janeiro.

⁶ Tráfico entende-se como todo o comércio ilícito, seja de entorpecentes, armas, animais ou mesmo humanos. São comandados por facções que disputam territórios como ponto de venda deste comércio.

Os caminhos trilhados pela Casa do Menor vão além da fronteira brasileira, contando com uma sede na Itália, onde são realizadas diversas atividades:

- Intercambio Cultural Brasil-Europa: onde jovens tem a oportunidade de realizar trabalhos voluntários, workshops e atividades culturais.
- Casa do Menor Itália: sensibiliza e educa sobre temas como família, solidariedade, multicultural e prevenção da violência e das dependências químicas através de encontros nas escolas, nas associações e paróquias.
- Coleta alimentar e roupa: apoia a coleta de alimentos e de roupa para doar as estruturas da Casa do Menor São Miguel Arcanjo no Brasil e para famílias necessitadas na Itália.
- Colaboração com os “Ciliegi Selvatici”: colaborando com a cooperativa “I ciliegi selvatici”, que trabalha com a inserção no trabalho de agricultura de pessoas com desabilidade.
- Colaboração com “Libero Mondo”: colaborando com a cooperativa “Libero Mondo”, que trabalha com a inserção no trabalho de pessoas com desabilidade.

Como a instituição foi se desenvolvendo ao longo dos anos, também conta com uma equipe na França que realiza eventos e diversas atividades no território de Mônaco com a finalidade de ajudar a manter a sede que fica em Fortaleza. E no ano de 2022, foi inaugurado um espaço em Guiné-Bissau, na África Ocidental. Sempre foi um sonho do fundador de realizar o trabalho de gerar oportunidades e uma vida digna nesta região do mundo que sofre com a extrema pobreza.

3. CIA DE ARTES PRESENÇA

Neste capítulo vou abordar como surgiu a principal companhia de apresentações artísticas da instituição, que está diretamente ligada a minha trajetória enquanto aluna, funcionária e voluntária. Pois foi devido a mudança de função que tive a oportunidade de fazer este trabalho acontecer e chegar até a Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

3.1 Minha história

Quando eu completei 2 anos de idade, minha mãe conseguiu arrumar um emprego como cobradora de ônibus, pois sem a presença paterna precisava ser o alicerce que sustenta a família e com isso foi necessário me colocar em uma creche comunitária. Da parte materna, sou a filha do meio, tenho um irmão cinco anos mais velho e uma irmã cinco anos mais nova. Morávamos todos em uma mesma casa com minha avó Maria, minha tia Mailde e meu tio Roberto. Uma família de 7 pessoas morando em uma mesma residência de apenas dois quartos. Foi crescendo neste núcleo familiar que percebi o quanto tudo se tornava uma dificuldade em minha trajetória.

Permaneci nesta creche até os 5 anos de idade, e lá foi o meu primeiro contato com a convivência em grupo. Por vir de uma família em situação de vulnerabilidade social, através do trabalho que a Creche Comunitária Nossa Senhora das Graças realizava em conjunto com a Casa do Menor, passei a fazer parte de um programa de assistência social da instituição chamado Visão Mundial. Eu recebia a visita de uma pessoa na minha casa sempre em datas comemorativas com presentes, como Dia das Crianças e Natal. O nome da pessoa que fazia esse acompanhamento das crianças é Elisângela Silva. Essas visitas são muito vivas em minha memória e até hoje percebo a importância que este projeto teve em minha infância. Mesmo quando atingi a idade de entrar na escola, continuei fazendo parte do projeto, pois ele não era da creche mas sim da instituição Casa do Menor. Uma dessas visitas foi muito especial: eu estava com 8 ou 9 anos, não me recordo com exatidão, a Elisângela pediu que eu escrevesse uma carta pedindo um presente de Natal. Nessa cartinha lembro que desenhei uma árvore e pedi de presente a

oportunidade de conhecer este 'padrinho' que sempre lembrava de mim em datas especiais. Elisângela ficou surpresa com o pedido, pois acho que ela esperava que eu pedisse algum brinquedo, mas para mim naquele momento o valor de saber quem era a pessoa que me amava sem me conhecer era o melhor presente que eu poderia receber. Na visita seguinte, ganhei uma boneca de presente e não recebi nenhuma foto deste padrinho: fiquei triste. Sempre imaginei como seria este padrinho, qual a cor da sua pele, a textura do seu cabelo, mas essa pessoa ficou apenas na imaginação. Muitos anos depois, descobri que na verdade não era uma pessoa que me ajudava, mas sim um projeto institucional. Por crescer em uma família católica e ter sido batizada aos 6 anos, com padrinho e madrinha, sempre imaginei uma pessoa fazendo esta boa ação. Hoje sei que é algo muito maior, um trabalho que alcança diversas crianças.



Figura 1: Registro feito na Creche Comunitária Nossa Senhora das Graças aos meus 2 anos
Fonte: Arquivo pessoal

Aos 13 anos de idade comecei a frequentar o Centro Cultural Dom Adriano Hipólito, mais conhecido como CIDAHA. Neste espaço funcionam atividades culturais e esportivas de forma gratuita a toda comunidade de Miguel Couto e adjacências. O meu interesse era na aula de dança, pois quando via as meninas dançando,

deslizando com *moonwalking* (o famoso passo deslizando para trás do Michael Jackson), só queria dançar como elas. Depois comecei a me envolver em outras atividades, como teatro, percussão, capoeira, desenho, até no futsal me arrisquei, mas era péssima no esporte. Tudo isso para passar mais tempo naquele espaço, pois estar ali fazia com que os problemas vividos com alcoolismo dentro de casa fossem esquecidos. Fazer amizades, aprender novas habilidades, receber conhecimento através das formações realizadas pela instituição era o que gostava de fazer no meu tempo livre. Com 15 anos fiz a minha primeira viagem para fora do estado do Rio de Janeiro, representando a instituição em São Paulo, no Centro de Eventos Mariapolis Ginetta⁷, em Vargem Grande Paulista, com uma apresentação de dança. A música apresentada 'Dado do amor' era da banda Renovarte, formada por funcionários e voluntários da Casa do Menor, contando sobre a arte de amar, a pedagogia presença em que somos imersos ao fazer parte deste trabalho.

Figura 2: Apresentação em São Paulo



Na parte esquerda da foto está o grupo de percussão, logo a frente o grupo de dança se posiciona para começar a apresentação
Fonte: arquivo pessoal

Pela primeira vez a menina moradora de Miguel Couto, da cidade de Nova Iguaçu da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro estava pisando em outro estado do

⁷Mariapolis Ginetta foi inaugurada em 1988 com a presença de Chiara Lubich. É um centro de formação para a cultura da unidade e fraternidade do Movimento Focolare. Este movimento faz parte da trajetória religiosa do fundador da instituição Padre Renato Chiera.

país. E o melhor, para expressar sua arte de como é viver a presença de amar. Me emociono ao lembrar pois essa sonhadora nunca imaginou ser artista, nem sabia que era possível sair de seu estado de origem sem gastar dinheiro nem para comprar uma água. Só frequentava aquele espaço com o objetivo de ficar fora de casa, pois o CIDAHA (Centro Cultural Dom Adriano Hipólito) se tornou um lar pelo ambiente de família que ali vivenciava.

Aos 16 anos fui para a sede da CMSMA que fica em Fortaleza (CE) para desenvolver um trabalho artístico em conjunto com o professor de dança Tikin Alves, o coordenador cultural Stefio Vieira e outros 3 alunos. Foram 18 dias longe da minha família, imersa em outra realidade, levando a nossa arte para outra região do país, que culminou em uma apresentação de Dança-Teatro no Festival Halleluya⁸ com a presença de mais de 100 mil pessoas no ano de 2010. Foi a primeira vez que fiquei tanto tempo longe de casa. Todos diziam que minha mãe era louca em deixar sua filha menor de idade ir para outro estado, e eu nem iria ganhar dinheiro com isso! Toda família foi contra esse posicionamento dela. Minha mãe, Vicentina Paiva, foi a única que me apoiou e era só desse apoio que eu precisava mesmo para assinar toda a documentação e registrar em cartório permitindo minha viagem.

Desde então percebi o quanto a arte já fazia parte da minha vida, pois ficar sem frequentar as aulas deixava um vazio. Assumi o compromisso de ter a arte em minha vida, pois através das temáticas abordadas conseguia curar as feridas que viver em um ambiente violento gerou em mim. Estava no ensino médio e já existia uma expectativa do rumo que minha vida estava seguindo, afinal, *“arte não dá dinheiro”*, como iria me sustentar *“dançando por aí”*, *“viajando de graça.”* Mas as pessoas que diziam isso não percebiam que aquele ambiente me curava, me formava uma cidadã consciente dos meus deveres e direitos, me abria caminhos para prosseguir, mesmo com todo esse sistema feito para me invisibilizar.

Em 2011 fui convidada para ser professora de dança de um grupo de coroinhas composto por crianças e adolescentes, que na época tinham entre 09 e 13 anos, da paróquia São Miguel Arcanjo e São Pedro, em Miguel Couto (Nova Iguaçu), que eu frequentava. Por este trabalho me pagariam o mesmo valor que a prefeitura de Nova Iguaçu pagava aos oficinairos do Projeto Bairro-Escola: R\$400,00 –

⁸O Festival Halleluya é uma idealização da Comunidade Católica Shalom e surgiu como uma opção de lazer saudável aos jovens da capital cearense no período do carnaval fora de época. Todo ano esse festival reúne jovens de todas as regiões do país.

Quatrocentos reais. O ex-prefeito Lindberg Farias reconheceu publicamente que este projeto foi inspirado na experiência educacional da Casa do Menor. Naquele período, com 17 anos, cursava o último ano do ensino médio e decidindo que caminho profissional seguir. Minha ideia nunca foi ser professora, pois não me sentia capaz de liderar outras pessoas. Mas esse convite veio em um momento de dificuldades financeiras, então aceitei e assumi comigo o compromisso de dar o meu melhor nesta primeira oportunidade de trabalhar já com a arte que pulsava em mim.

Figura 3: Grupo de dança Adolêschwartz



Registro feito em 2017 com o grupo de coroinhas da paróquia em que fui professora por 5 anos
Fonte: arquivo pessoal

Neste mesmo período, aos 17 anos, fui convidada para ser bailarina nos shows da cantora católica Katiane Silva, pelo seu baterista Anderson Clayton, que também era professor de percussão da Casa do Menor. Ela cantava músicas católicas em ritmo de axé, com alguns shows em trio elétrico. Em todos os shows que realizava no estado do Rio de Janeiro, eu estava presente como bailarina. Com o tempo assumi também a responsabilidade de coreografar as músicas novas que

entravam no repertório. Viajar com a banda para diversas regiões do estado trouxe momentos de muito aprendizado do trabalho artístico como um todo. Sem contar é claro de toda a diversão que acontece quando artistas se reúnem. Foram 7 anos realizando este trabalho que conforme diminuiu a demanda, a cantora retornou para sua cidade de origem, em Natal/Rio Grande do Norte.



Figura 4: Registro do show da Katiane Silva no trio elétrico em São Pedro da Aldeia/RJ em 2011 Fonte: Arquivo Pessoal

Em 2013, aos 19 anos, fiz uma entrevista e fui contratada para trabalhar como recepcionista na sede administrativa da Casa do Menor, e este foi o meu primeiro emprego de carteira assinada. Neste período estava com muitas dificuldades para conseguir emprego mesmo tendo concluído o ensino médio. Com isso, tive a oportunidade de continuar fazendo parte da companhia de espetáculos, a Cia Ru'Art, sendo aluna da oficina de dança e viajando para representar a instituição pois os horários eram compatíveis, me possibilitando trabalhar e ensaiar as apresentações artísticas aos fins de semana. Em 2015, no período em que eu trabalhava como auxiliar financeiro do escritório nacional, a instituição resolveu organizar uma turnê artística na Itália, com o objetivo de promover o trabalho realizado e conseguir fomento financeiro de parceiros da Europa. Seriam selecionados 16 alunos para realizar o espetáculo "Lasciate Sognare" (Deixem-nos

sonhar). Desde quando comecei a dançar aos 13 anos era o meu sonho ter a oportunidade de dançar na Europa representando a Casa do Menor. E assim aconteceu. Foi um mês em turnê passando por diversas regiões pela Itália e França. Sei que se trabalhasse em qualquer outra empresa não conseguiria conciliar o meu trabalho com esta turnê, porém ao viver esta experiência como contratada da instituição, tive o apoio de todo o setor para que meu trabalho não fosse comprometido durante a minha ausência. Ali recebi uma onda de amor, todos me apoiando e vibrando com esse momento.



Figura 5: Conhecendo a neve durante a turnê com o Pe Renato Chiera.
Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 6: Apresentação em um teatro na Itália em Abril/2015 pela Casa do Menor
Fonte: Fotografia feita pela Kelly Duque

Trabalhei por três anos no setor administrativo, onde realizei diversas funções, como recepcionista, secretária dos cursos profissionalizantes, auxiliar administrativo do setor de documentação e auxiliar financeiro do setor nacional, até receber em 2016 a proposta para ser a nova professora de dança-teatro da instituição. Eu já estava há um ano sem dançar na companhia da instituição por divergências em como o trabalho estava sendo conduzido, fazia apenas algumas oficinas que me interessavam em outros locais. Por não me sentir capaz de montar espetáculos, escrever cenas, coreografar uma obra mais complexa, recusei a proposta. Mas a diretoria insistiu que eu era a pessoa mais capacitada porque vivenciava a Pedagogia Presença para assumir este trabalho que dá visibilidade ao que a CMSMA produz. Depois de uma reunião com o coordenador cultural Stefio Vieira, que iria ser o meu novo coordenador ao mudar de setor, decidi aceitar a proposta. Ele deu a certeza que me apoiaria e estaria ao meu lado em todas as decisões, me auxiliando em tudo o que precisasse nesta nova jornada. Eu teria uma importante missão: restaurar a companhia de espetáculos, pois com a demissão do professor anterior, ele levou todos os alunos e o nome da companhia, que surgiu através do trabalho desenvolvido na instituição. Este também foi um dos motivos que me fez recusar a proposta no início, pois iria assumir o posto de quem foi o meu professor. Tive muito medo do julgamento que eu sabia que iria receber, não tinha

consciência do quanto estava preparada para enfrentar essa situação. Freire (1996) diz que ensinar exige consciência do inacabamento. E ao assumir o meu inacabamento enquanto ser humano me permiti viver essa experiência, que também se tornou um fator decisivo na minha carreira profissional.

Quando comecei a ser a professora de dança-teatro do Centro Cultural Dom Adriano Hipólito (CIDAHA), chegava para dar aula, mas não tinha ninguém. Então auxiliava em outras demandas. Intensificamos o trabalho de divulgação das atividades culturais e esportivas oferecidas por todo o bairro. Com a mudança do quadro de funcionários, tanto da coordenação, como a equipe de instrutores, foi necessário. Aos poucos o trabalho foi entrando no eixo novamente, o número de alunos foi aumentando e surgiu a necessidade de se formar uma nova companhia artística. Depois de muita conversa, eu e Stefio Vieira decidimos colocar o nome de Cia de Artes Presença, pois dessa forma carregaríamos no nome a missão de ser presença para quem nos assiste, da mesma forma que geramos presença em nosso trabalho. Então em 2016, no meu primeiro ano como professora de dança-teatro, surgiu a Cia de Artes Presença.

Ser professora na Casa do Menor não era apenas estar ali preparando espetáculos para a companhia, precisava estar presente nos pólos em outros bairros como Shangri-lá e Vila Claudia, ambos em Belford Roxo, no programa de Desenvolvimento Comunitário. Estar nesses locais, onde o acesso do poder público é praticamente inexistente, é um símbolo de resistência e essa é a nossa missão: acessar estes locais e levar educação, cidadania, cultura, esporte; potencializando os moradores dessas regiões. Nos dias de chuva era sempre uma dificuldade para chegar, muitas vezes pegava moto-táxi para subir o morro onde acontecem as atividades. Por diversas vezes já dei aulas cantando quando a caixa de som estava queimada. As dificuldades são diversas, mas a instituição jamais deixou de ser presença para aqueles que mais precisam deste trabalho realizado em sua comunidade. É claro que eu enquanto artista quero as melhores condições de trabalho possíveis, mas e quando não tem a caixa de som? Devo deixar de ir até o espaço e não levar a magia da arte na vida daquelas crianças e adolescentes? Aprendi a me reinventar sempre que aparecia alguma dificuldade, também aprendi a reclamar menos e solucionar mais. Não foi um processo fácil, mas necessário para me capacitar enquanto uma arte-educadora da periferia da Baixada Fluminense. E

por mais que eu achasse que estava ali para, por algumas horas, transmitir conhecimento e amar através da arte, sou apenas uma para fazer isso por cada um deles, que juntos são muitos, e quando esse amor retorna pra mim, vem de uma forma muito maior. Acredito que esta missão de ser presença para aqueles precisam ser amados trouxe para a minha vida não somente a capacidade de amar, mas a capacidade de receber atos de amor, perceber na simplicidade o maior objetivo da minha existência.

Figura 7: Festividade dos 30 anos da Casa do Menor



Alunas do projeto Construindo Cidadania de Vila Claudia em Outubro de 2016
Fonte: Fotografia feita por Debora Elise

Figura 8: Aula de dança em Vila Claudia



Turma infantil aprendendo base de breaking em Fevereiro de 2019
Fonte: Arquivo pessoal

O que me fez em 2019, tomar a decisão de entrar na graduação de Licenciatura em Teatro na UFAL foi entender que tenho a capacidade de fazer muito mais, porém precisava me capacitar tecnicamente para que este trabalho desenvolvido tomasse rumos ainda maiores. Despedir-me desse emprego foram semanas de lágrimas em cada aula que lecionava. Os alunos sonharam junto comigo a oportunidade de me graduar em uma universidade pública. E por que tão longe? Entendo que precisava me reinventar por inteira, sair do comodismo e buscar minha essência que acabou se desgastando na rotina intensa que era trabalhar na Baixada Fluminense e estudar teatro a noite na Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, pegando 3 ônibus para chegar na faculdade e chegando sempre atrasada nas aulas pois era uma locomoção extremamente exaustiva e extensa. Cursei dois períodos de licenciatura em teatro em uma faculdade particular com uma bolsa de estudos parcial e outra parte financiada pelo FIES. Só tinha este curso no período da noite nesta unidade. As universidades públicas ainda não entendem a realidade de jovens periféricos que precisam sustentar a casa enquanto buscam um aprendizado profissional se capacitando para o mercado de trabalho ao mesmo tempo em que trabalham.

Sou neta de pernambucanos que foram para o Rio de Janeiro em busca de oportunidades. No Nordeste está o seio da família materna, a origem desta que escrevo, sendo criada comendo cuscuz e macaxeira. Comer cuscuz me traz memórias de infância, consigo lembrar de minha avó me ensinando as variedades e combinações que dá para experimentar no cuscuz nordestino. E o trabalho multicultural que é desenvolvido na Casa do Menor sempre me despertou a curiosidade em vivenciar essa riqueza cultural que é o Nordeste. Me graduar em uma universidade federal, através do sistema de cotas para pessoas negras estudantes de escola pública, sendo bolsista em diversos programas como Monitoria, Corpo Cênico (Programa de Extensão) e PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) tem um valor ainda mais especial. Também atuei como voluntária no Projeto de Extensão Prof. Toni Edson Presente. Cada um desses programas universitários auxiliaram no amadurecimento do meu olhar artístico e também no processo de escrita, do qual descobri a aptidão ao me tornar educadora.

3.2 Projeto Corpo Expressa Urbanidades

No meu primeiro ano como professora da instituição, em 2016, fui chamada para uma reunião com uma pessoa que estava responsável de conseguir fomento para a Casa do Menor através de editais. Tivemos uma longa conversa sobre o meu trabalho e o que gostaria de desenvolver; falei sobre as necessidades materiais e de formação para os alunos. No final da reunião já tínhamos um projeto pronto que foi colocado para concorrer no edital Geração Cultura RJ promovido pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado do Rio de Janeiro, por meio do programa Territórios Culturais RJ/Favela Criativa. Concorremos dentro da Categoria 2: Projeto destinado a jovens.

Nasceu o projeto Corpo Expressa Urbanidades, que tinha como objetivo:

- Certificar de 25 a 30 jovens em uma oficina de danças urbanas.
- Realizar a oficina com a carga horária de 300 horas ao longo de 10 meses.
- Fomentar o pensamento crítico a cerca do espaço e território no qual estes jovens estão inseridos
- Fomentar o conhecimento da cultura urbana e arte.
- Realizar 3 palestras/oficinas temáticas expandindo o conceito de corpo, movimento e urbanidade da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

O projeto foi aprovado e pela primeira vez em toda a história da instituição o núcleo artístico de dança-teatro conseguiu fomento através de um edital cultural. Lembro exatamente do dia em que recebi a notícia da aprovação, um misto de emoções e a certeza de que tinha feito a melhor escolha possível.

O medo inicial de não ser a pessoa ideal para esta função deu lugar para a certeza de que eu precisava estar exatamente ali para que o trabalho cultural desenvolvido pela instituição tivesse o devido reconhecimento. O projeto Corpo Expressa Urbanidades foi pensado justamente nas vivências dos bairros onde a Casa do Menor tem o programa de Desenvolvimento Comunitário (Miguel Couto, Shangri-lá e Vila Cláudia). Para transformar a violência em arte, corporificar nossa realidade e construir um ambiente acolhedor auxiliando neste caminho do protagonismo da nossa juventude.

No ano de 2017, começamos a execução do projeto. Os alunos que já faziam

parte da Cia de Artes Presença sempre estavam envolvidos em todo o processo, desenvolvendo sua autonomia e reconhecendo suas potencialidades. Realizamos uma nova divulgação passando por diversas escolas do bairro para que novos alunos chegassem até nós. Foi feita a inscrição de um número acima do planejado para que no final do projeto tivesse a quantidade indicada, pois em projetos com uma longa duração sempre temos algumas evasões, porém, para nossa surpresa, a evasão foi mínima e conseguimos chegar ao final do projeto em Abril de 2018 com 25 alunos certificados.

Figura 8: Alunos do projeto Corpo ExpressaUrbanidades



Alunos do projeto Corpo Expressa Urbanidades com o bairro de Miguel Couto/NI ao fundo em 02/12/2017
Fonte: Fotografia de Débora Lopes

Executar este projeto me fez perceber o quanto de potencial estava guardado por mim, sem utilização. Escrevi meu primeiro roteiro, coreografei meu primeiro espetáculo, idealizei a cenografia, desenhei os uniformes, coordenei ações de impacto cultural e social pelo bairro de Miguel Couto com intervenções nas praças, fiz a prestação de contas dos gastos e escrita de relatórios mensais e o relatório final do projeto. Foi uma dedicação para que tudo fosse perfeito, para que não ocorresse nenhum problema que pudesse impossibilitar para concorrer em novos editais.

A riqueza cultural existente nas periferias precisa ser olhada e cuidada com carinho, e nada melhor do que alguém que faz parte disso, escrever e mostrar essas

potencialidades existentes, ressaltando como o trabalho de uma instituição nessas regiões é de extrema importância, ajudando a transformar a realidade cruel de quem sempre se sentiu abandonado e excluído na sociedade, assim como um dia eu me senti. Passei um processo doloroso para me reconhecer enquanto uma mulher preta, pobre e favelada. A arte tem esse poder de nos dar voz e foi através deste projeto que essa voz ecoou ainda mais forte. Tantos talentos descobertos, tantos jovens que se sentiam sem direção e encontraram na arte feita através da presença de amor um caminho para prosseguir, para se expressar através do corpo e também para fugir de uma realidade que ainda dói em nós, moradores de territórios em disputa.

Fiz esse projeto pensando em deixar um legado na vida de diversos jovens, mas só eu sei o quanto este projeto me transformou. Descobri que sou capaz de escrever e promover uma cultura que ainda luta para ser reconhecida neste território da Baixada Fluminense. Onde o consumo de arte é tão escasso devido à falta de investimento do poder público em fomentar a formação de público como acontece em outros locais.

Ao estar em sala de aula em uma posição de liderança busquei exercer sempre o diálogo e a escuta, todos eram livres para se expressar além do corpo. E foi nessa troca mútua que o processo se consolidou, vivendo a arte de amar e gerando presença entre nós conseguimos refletir sobre o lugar de cada um neste espaço urbano do qual estamos inseridos. E dentro do processo, decidimos contar sobre a motivação do surgimento da Casa do Menor, ou seja, o genocídio da população preta, pobre e periférica que segue em curso nos dias atuais. Neste momento entendemos a importância do trabalho da Casa do Menor nessas regiões que vivem à margem da sociedade.

A modalidade escolhida para a oficina foi danças urbanas por ser a minha especialidade, sendo que meu estudo sempre foi voltado para danças como *breaking*⁹ e *dancehall*¹⁰ e também a dança contemporânea. O *breaking* faz parte da cultura *hip-hop* e sempre tracei essas conexões da realidade com o fazer artístico. Além do movimento da cultura *hip-hop* também se originar dos guetos de Nova Iorque na década de 1960 pela população preta e periférica. Se empoderar desta

⁹ O *breaking* é um estilo de dança de rua feito por artistas que fazem parte do movimento *hip hop*

¹⁰ *Dancehall* é uma dança de origem africana desenvolvida nas periferias Jamaicanas no fim da década de 1970.

linguagem nos faz perceber o quanto de potência artística somos capazes de produzir, independente da origem. E para reforçar ainda mais o jeito urbano de ser, coloquei também elementos do *passinho carioca*¹¹, muito reproduzido em diversas comunidades. Um dos alunos do projeto já ganhou concursos de passinho e assim procurei também evidenciar essa forma de expressão.

Foi através do movimento hip hop que descobri esse empoderamento que se dá pela arte urbana. E trazer o *dancehall* e o passinho para este projeto foi uma forma de agregar ainda mais base técnica aliada à realidade, pois todas essas modalidades se originam da periferia, seja em Nova Iorque, Jamaica ou Brasil. Mostrando que a periferia é capaz de produzir um movimento artístico-político e social, se empoderando mediante a sua condição de viver à margem da sociedade. Por isso o projeto foi pensado nesta relação do jovem com o seu território, que tem sido tema entre diversos meios. Cada vez mais o cenário urbano se constitui numa cultura que luta para ser reconhecida, e quando se trata do cenário urbano da Baixada Fluminense essa relação ganha outros contornos. A Baixada Fluminense está construindo sua identidade cultural, se mostrando como uma região ativa culturalmente.

No decorrer do projeto foram desenvolvidas três palestras com a temática “Fomentar o pensamento crítico acerca do espaço e território”. Na escrita do projeto já foi pensado na contratação desses profissionais que fossem externos a instituição, com o objetivo de somar os diferentes conhecimentos adquiridos por cada artista convidado. É sempre de suma importância traçar essas conexões com outras pessoas do meio artístico, viabilizando também a oportunidade dos alunos atendidos experienciar a diversidade das técnicas de cada um.

A primeira oficina foi realizada pelo ator Christian Santos, licenciando em Artes Dramáticas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). É um ator formado pela Escola Estadual de Teatro Martins Penna. Como eu não tinha o conhecimento técnico da linguagem teatral, o convidei para que pudesse suprir essa necessidade. Christian Santos trouxe por meio da linguagem teatral reflexões a respeito do corpo na sociedade e do indivíduo frente ao local em que estão inseridos. Se utilizando dos conceitos teatrais de Augusto Boal, que é idealizador do Teatro do Oprimido, para fins de formação do senso crítico onde o indivíduo se vê e

¹¹ *Passinho carioca* surgiu nas comunidades do Rio de Janeiro associado as batidas do funk nos bailes, tem como característica a combinação de diversos estilos como frevo, samba, funk, hip hop.

participa de forma ativa em todo o processo. Também se utilizou dos Jogos Teatrais de *Viola Spolin*¹², propondo jogos que dialogavam com o aspecto político e social abrangendo muito além do que está em evidência no jogo teatral. Após os jogos os alunos/jogadores refletiam as ações e discutiam o que foi feito, levando este aluno a participação ativa, não ficando apenas sob responsabilidade do professor a produção do conhecimento. Dessa forma colocando cada um deles em evidência do seu senso crítico.



Figura 9: Oficina com o ator Christian Santos na sede da CMSMA em 2018
Fonte: Fotografia feita por Debora Elise



Figura 10: Oficina com o ator Christian Santos na sede da CMSMA em 2018
Fonte: Fotografia feita por Debora Elise

¹² *Viola Spolin* (1906-1994) diretora de teatro e autora de livros em que utiliza a metodologia de teatro improvisacional

A segunda oficina foi realizada pela Arielle Macedo, bailarina e coreógrafa da cantora Anitta e com diversos trabalhos realizados como bailarina da Rede Globo na série Mr. Brau. Cria de São Gonçalo, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a formação dessa bailarina é uma história inspiradora de persistência. No momento inicial foi feita uma roda de conversa em que Arielle partilhou toda a sua trajetória até se tornar a coreógrafa da Anitta. Os alunos do projeto tiveram a oportunidade de conversar e tirar suas dúvidas sobre o mercado profissional da dança, o que sempre a motivou a continuar na área artística e como é para uma mulher preta, vinda de uma região periférica, acessar espaços que sempre foram negados a este corpo. Foi uma linda e emocionante troca de experiências. Em seguida ela ensinou bases de danças urbanas e aplicou uma sequência coreográfica para trabalhar as técnicas ensinadas. Tudo pensado na expressividade deste corpo, sua percepção de espaço. No final, os alunos apresentaram para ela o espetáculo que estava sendo construído.

Neste período a cantora Anitta tinha acabado de lançar o videoclipe de “Vai Malandra” do qual fiz parte como bailarina de *stilleto*¹³ do elenco de apoio. Fiz uma audição no espaço onde funciona o *Nós do Morro*¹⁴ no Vidigal, periferia da cidade do Rio de Janeiro e fui selecionada para compor o elenco. Posso dizer que este trabalho foi um divisor na minha carreira artística e pedagógica no bairro onde cresci, pois minhas aulas começaram a superlotar por ter feito esse videoclipe. As pessoas passaram a querer serem meus alunos e isto, atrelado ao fato de ter a presença da Arielle Macedo naquele território, potencializou ainda mais o trabalho que a Casa do Menor desenvolve, enriquecendo este espaço de desenvolvimento comunitário.

¹³*Stilleto* é uma dança que tem como característica a performance coreográfica em cima de um salto alto que geralmente são finos.

¹⁴ Fundado para oferecer formação técnica a jovens da comunidade do Morro do Vidigal, Rio de Janeiro, o grupo dirigido por Guti Fraga alterna a montagem de textos clássicos e criações coletivas.



Figura 11: Oficina com Arielle Macedo no CIDA H em 2018.
Fonte: Fotografia feita por Debora Elise



Figura 12: Oficina com Arielle Macedo da Cia de Artes Presença em 2018
Fonte: Fotografia feita por Debora Elise



Figura 13: Oficina com Arielle Macedo da Cia de Artes Presença em 2018
Fonte: Fotografia feita por Debora Elise

Na terceira e última oficina, contamos com a presença da Juliana Nascimento. Bailarina da Rede Globo e cria de Miguel Couto, Nova Iguaçu. Moradora do bairro onde o projeto acontece. Eu a escolhi para encerrar este ciclo justamente pela sua linda história e identificação com o trabalho da Casa do Menor. Desde quando iniciei no mundo artístico, Juliana sempre esteve de braços abertos a me auxiliar no que fosse necessário, por isso a sua presença era indispensável. Uma artista generosa, que atualmente tem um projeto de assessoria artística em que encaminha artistas da Baixada Fluminense para o mercado de trabalho na capital, através dos contatos que adquiriu ao longo de sua carreira. Também é responsável pela Academia de Artes Jozias Nascimento.

No momento inicial a Juliana Nascimento partilhou toda a sua trajetória de uma bailarina preta da Baixada Fluminense, toda a dificuldade de não ser o perfil de bailarina clássica exigido naquele período. Persistir foi um ato de resistência para que corpos como o seu se tornassem cada vez mais comuns no mundo da dança. A mulher preta sempre teve que lidar com a objetificação de seu corpo e isso se ressaltava ainda mais quando Juliana entrou no mercado de trabalho, pois uma bailarina preta retinta do Brasil em uma turnê fora do país era logo caracterizada de forma pejorativa. Naquela mesma semana foi lançado o videoclipe “Ginga” da

cantora Iza¹⁵ do qual ela fazia parte do corpo de bailarinas e isso foi muito especial pois os alunos sempre a admiraram e estar ali sentados em uma roda, de igual para igual, foi um momento de pertencimento. Como técnica trouxe uma sequência coreográfica de dança afro no estilo de *afrobeat*¹⁶ que tem uma mistura de ritmos com influências africanas.



Figura 14: Oficina com Juliana Nascimento
Todos sentados em uma roda de conversa com a bailarina Juliana Nascimento em Março de 2018.
Fonte: Fotografia feita por Laís Paiva

¹⁵ Isabela Cristina Correia de Lima Lima, mais conhecida pelo seu nome artístico IZA, é uma cantora, compositora, apresentadora, dançarina e publicitária brasileira. Com uma voz potente e credibilidade artística, Iza é um dos maiores nomes da música pop e R&B

¹⁶ O *afrobeat* é uma combinação de diversos ritmos como iorubá, jazz, *highlife*, *funk* se fundindo com percussão africana e estilos vocais, popularizado na África na década de 1970.

Figura 15: Oficina com Juliana Nascimento



Alunos do projeto aprendendo a sequência de dança afro em Março de 2018.
Fonte: Fotografia feita por Laís Paiva

No mês de abril seria a estreia do espetáculo “Presença no inferno”. A princípio o nome pode parecer estranho, mas foi inspirado no trabalho e livro do Pe. Renato Chiera nas *cracolândias*¹⁷ do Rio de Janeiro. O uso de entorpecentes tem se tornado cada vez mais comum entre a juventude e abordar essa temática é extremamente necessário para que entendam que não será através do uso de drogas que irão encontrar o sentido da vida. Trabalhar essa temática sabendo que alunos faziam o uso de drogas demandou ainda mais sensibilidade na abordagem.

Estreamos o espetáculo e foi uma das maiores realizações que vivenciei. Ter no palco, alunos e corpos tão diversos, cada um carregando suas realidades, dando vida a personagens cotidianos, foi arrebatador. Não conseguia falar, a emoção foi tão grande, só consegui ser grata por finalizar o meu primeiro projeto financiado através de um edital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado do Rio de Janeiro. Demonstrando a potencialidade artística existente nesses corpos que

¹⁷ Locais onde existe uma concentração de usuários de drogas. Estes usuários por conta do vício, em sua maioria pelo uso de *crack*, deixam os seus lares e passam a viver nestes ambientes.

são marginalizados pela sociedade.

No momento de fazer a prestação de contas, o funcionário responsável por esta etapa ficou admirado com todo o profissionalismo no decorrer do processo e não teve dificuldades para finalizar e enviar os relatórios finais. Pediu autorização para que este projeto ficasse como modelo para que outros funcionários da instituição entendessem como precisavam executar ao receber um financiamento através de editais. Finalizar o projeto “Corpo Expressa Urbanidades” foi ter a certeza de que a escolha em me tornar arte-educadora foi assertiva, e comecei a sentir a necessidade de me profissionalizar, entrar em uma graduação para ter o conhecimento técnico que me faltava naquele momento.

3.3. Experiência dos alunos

O que os jovens atendidos vivenciam em projetos como esse é algo muito potente, pois são levados ao protagonismo de sua existência através da arte. Freire (1996) relata que ensinar exige comprometimento assim como aprender; E saber que não passa despercebido pelos alunos. Isso se torna ainda mais latente no ensino da arte, onde sou colocada no “palco” da sala de aula para transmitir o conhecimento e acaba não passando despercebido o meu posicionamento sobre o território ao qual ocupo. Se educar é uma forma de fazer uma intervenção no mundo, subir ao palco é expressar a vontade de intervir e mudar este cenário através da arte.

Ao tomar consciência das minhas decisões, percebi também o quanto isso impactava diretamente no processo de aprendizagem no projeto. Sempre busquei dar autonomia para os jovens, colocando responsabilidades para que desenvolvessem suas habilidades, assim a relação ultrapassa a sala de aula, pois projetos sociais são feitos para justamente cruzar a barreira que muitas vezes a escola não é capaz de alcançar. Sempre fazíamos a roda de conversa no final das aulas, uma forma de nos conectar e retornar para casa preenchidos de amor, um momento em que cada um era livre para expressar o que quisesse. Quando algum familiar estava doente, rezávamos juntos. Quando alguém conquistava um emprego, vibrávamos juntos. Quando alguém se sentia incomodado com a atitude do outro, ali resolvíamos o problema.

O que foi vivenciado neste um ano de duração do projeto “Corpo Expressa Urbanidades” foram experiências que provavelmente não seriam possíveis em outros ambientes, por isso trago algumas experiências de pessoas que passaram por ele aqui neste trabalho de conclusão de curso, a fim de eternizar estes sentimentos. Foi desenvolvido um formulário pela plataforma *Google Forms* onde os alunos responderam sobre como foi vivenciar as oficinas, a experiência de conhecer outros artistas no processo de formação, se ainda hoje vivem a pedagogia presença e como isso interferiu nas suas relações pessoais e profissionais e um espaço para deixarem alguma mensagem caso quisessem.

Todos os jovens atendidos relataram chegar até as atividades do Centro Cultural através de amigos, o que comprova como o papel da instituição quando bem executado se multiplica de forma orgânica. Ao serem questionados sobre os *workshops* que participaram com Christian Santos, Arielle Macedo e Juliana Nascimento nesse processo formativo de expressar sua arte refletindo sobre o território que habitam, houve uma unanimidade no sentimento de gratidão pela oportunidade que foi propiciada por este projeto em realizar aulas práticas com estes artistas, assim como conhecer a história compartilhada por cada um deles, em especial por serem três artistas negros que se originam da periferia. Isto fez com que percebessem que todos nós temos nossas lutas e batalhas territoriais e artísticas, para além do que já vivenciamos nessa sociedade. Esse encontro com novas técnicas de dança e atuação agregou muito no conhecimento para aqueles que têm sede por descobertas e já demonstravam a vontade de seguir uma trajetória artística, trazendo-lhes também novas possibilidades de sonhar e acreditar. A seguir deixarei alguns relatos sobre a oportunidade de realizarem estas oficinas com os três artistas convidados durante o projeto.

Algo incrível, por que esses três nomes aí são pessoas grandiosas, e a gente da baixada acha ou às vezes tem em mente que chegar perto deles é impossível por causa da falta de oportunidade, e isso foi uma coisa incrível e inesquecível, porque dançar com pessoas que vc admira é surreal. Yago Luís

Essa vivência vai ficar marcada e registrada no meu histórico por toda minha vida, não sei como me expressar mesmo tendo dificuldade, mas com todo carinho e palavras bonitas que posso dizer, muito obrigado, só tenho agradecer pela oportunidade e por me ajudar a ser quem eu sou e por me permitir a sonhar. Gabriel Henrique

Simplesmente incrível! Na época a facilidade de ter contato nessa área era praticamente nula, pois ou trabalhava ou participava dos workshops que além de tempo, requeria valores que apesar de não tão altos na minha realidade não se encaixava. E poder ter contato com artistas da área que eu admirava foi surreal! Fez com que meus sonhos se tornassem mais palpáveis, me deu mais uma energia, mais gás pra viver da arte que amo!
Grayce Andley

O professor e sociólogo Tiaraju D'Andrea¹⁸ (2022) menciona alguns motivadores sobre se produzir arte na periferia, e uma delas é a produção artística como valorização do local, revertendo o processo de estigmas e preconceitos contra os mais pobres. Muitas vezes não é possível se deslocar para a capital e ter acessos aos equipamentos culturais e atividades gratuitas, já que em Nova Iguaçu e Belford Roxo, cidades onde este projeto se desenvolveu, não existe uma frequência de acesso a atividades/equipamentos culturais fomentadas pelo Poder Público da região. Infelizmente diversos artistas precisam ir até o Rio de Janeiro se desejam viver da arte, por mais que a potência artística da Baixada Fluminense seja grande. Fomentar a construção de conhecimento nestes locais é necessário, visto que de acordo com o Artigo 215 da Constituição da República Federativa do Brasil, o Estado deve garantir todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes de cultura nacional, valorizando, apoiando e incentivando a difusão das manifestações culturais. Mas sabemos que na prática as vivências são diferentes, principalmente quando diz respeito à produção na periferia, local em que se enfrentam diversos tipos de preconceitos, que refletem no desenvolvimento desses jovens que desejam produzir arte, serem livres para sonhar e acreditar que é possível mudar o cenário econômico no qual estão inseridos.

Na palestra em que a bailarina Juliana Nascimento deu no projeto Corpo Expressa Urbanidades, ela menciona como só conseguiu ter acesso às audições artísticas e chegar a uma emissora de televisão após se mudar para a Zona Sul do Rio de Janeiro, e o quanto foi difícil se manter como artista já que tudo o que se consome nesta região é mais caro, desde o aluguel até fazer uma feira. Atualmente retornou para Miguel Couto, em Nova Iguaçu, e através das pessoas e empresas que conheceu e manteve um vínculo, faz encaminhamento de artistas para produções desenvolvidas na capital. É um trabalho que está ganhando espaço

¹⁸ Tiaraju Pablo D'Andrea é professor da Unifesp/Campus Zona Leste e Coordenador do Centro de Estudos Periféricos (CEP). É Pós-doutor em Filosofia, Doutor em Sociologia e Cultura e Mestre em Sociologia Urbana pela Universidade de São Paulo.

ainda, pois conforme mencionei, a dificuldade de acessar estes ambientes para quem se origina da periferia ainda é grande.

Não precisamos de muito para entender que as oportunidades não são iguais para quem mora na Baixada Fluminense, pois para uma pessoa fazer este deslocamento até a capital, onde estão as grandes empresas, onde famílias contratam empregadas domésticas como as minhas tias, se requer um custo maior para o transporte. E não é diferente no mercado artístico, visto que eu mesma já perdi a chance de dançar em um evento por causa da grande distância que separava minha casa do local da apresentação. Muitas pessoas responsáveis pela contratação de profissionais para eventos nas áreas centrais da metrópole não acreditam que somos capazes de sermos pontuais por morarmos tão distante. Mas quem nasce nessa região periférica aprende desde cedo a madrugar para não perder sua “única” oportunidade, afinal, ela não bate sempre a nossa porta. Por isso o artista que tem o objetivo de conquistar algo precisa sair da casa de sua família e ir se aventurar morando na capital, seja porque na cidade do Rio de Janeiro existem editais culturais e um grande fomento para a economia criativa, seja para quando fizer uma audição e ter a chance de escutar um sim, pois o não já é praticamente certo morando na Baixada Fluminense.

O questionamento seguinte no formulário foi sobre a vivência com a Pedagogia Presença durante e após o projeto. Todos disseram que a levaram para a vida pessoal e profissional; aprenderam a conviver com as diferenças, a serem honestos, passaram a usar sabedoria para mediar conflitos, a escutar as pessoas, a fazer atos sem esperar nada em troca, a se fazer presença sem estar presente, a transmitir amor, acolhimento e alegria. Que foram contribuições para a forma como enxergam o mundo hoje. Alunos que se tornaram professores, replicam em suas turmas a “Arte de amar”. São frutos que germinaram destas sementes plantadas. A felicidade maior para mim enquanto educadora é acompanhar o processo de aprendizagem e constatar o quanto cresceram pessoalmente e profissionalmente através desta troca de conhecimentos, afinal, eu também cresci muito neste período em que fiquei responsável pela Cia de Artes Presença. É emocionante ver o quanto cada um absorveu e vivenciou a pedagogia presença conforme alguns depoimentos a seguir autorizados por eles para serem inseridos neste trabalho.

A pedagogia presença além de ser forte na Cia de Artes Presença, faz parte do nosso dia a dia. Tanto em casa, quanto na rua. Pois está em todo lugar:

Seja nos desafios de levantar da cama pra enfrentar a labuta diária, na empatia com o próximo, na sabedoria pra mediar conflitos, está em um abraço de conforto, em escutar o próximo sem esperar nada em troca, em se fazer presente mesmo sem estar presente. Está desde os pequenos a grandes gestos. Letícia Ferreira

Apesar de ser um grande desafio, vivi a cada experiência da pedagogia presença. Nos eventos, nas apresentações, nos ensaios e principalmente nas viagens, pois conviver com pessoas de hábitos, criações e características diferentes por muito tempo pra mim era o maior desafio. Mas o dom do recomeço sempre se fez e faz presente na minha vida no crescimento pessoal e espiritual! E apesar de ter ficado alguns meses afastada do projeto na época por motivos pessoais, o projeto e a pedagogia presença não se afastaram de mim e me arrebataram a dar continuidade a semente plantada pela minha professora e amiga Laís Paiva, pois sai de aluna a professora até o presente momento e espero perpetuar esse legado com os meus alunos e afins. Grayce Andley

Enquanto estava ali fiquei entregue a todo momento, a toda experiência compartilhada. Após sair todo conhecimento adquirido contribuiu para a forma que enxergo o mundo hoje. Maria Helena

Eu vivo tudo aquilo até hoje, e vou viver sempre.... O projeto as pessoas, o espetáculo as apresentações, são coisas que fazem parte de mim, o Yago tem um pedacinho de tudo aquilo, hoje o Yago é um excelente profissional, formado, um ótimo trabalhador, dono da própria vida, independente e anda de cabeça erguida graças ao projeto, graças ao padre Renato e graças a Laís Paiva. Que me ensinaram a ser filho amado, e que o crime nunca é uma opção, mas ser estudado, trabalhador, ser empático e honesto isso sim é. Yago Luís

O objetivo desse projeto era expressar corporalmente através da dança e do teatro as nossas vivências diárias enquanto moradores da Baixada Fluminense, fomentando a cultura do bairro de Miguel Couto. O legado desta experiência deixou na vida destes jovens a possibilidade de sonhar e realizar, pois sonhei com este projeto e conseguir um financiamento para realizar um espetáculo artístico. Muitos nunca tinham saído da cidade, e através da Cia de Artes Presença fizeram viagens para outros estados, levando o nosso espetáculo e a forma de fazer arte da instituição. Ler o que eles escreveram desta experiência me emociona e enche meu coração de alegria em perceber que fui apenas um instrumento do amor que tenho pelo que a arte proporcionou em minha vida, podendo realizar através das artes cênicas algo transformador que ficará marcado como uma das melhores vivências para cada um deles.

A seguir o depoimento feito pela aluna Leticia Ferreira retrata como participar da Cia de Artes Presença auxiliou no seu autoconhecimento. Este relato foi enviado através do formulário que elaborei para colher as informações necessárias sobre a

participação no projeto. Importante ressaltar que foi autorizado pela mesma para sua contribuição nesta pesquisa.

A Cia de Artes Presença mudou a minha perspectiva para além da dança e da arte em si. Me permitiu a conexão com meu corpo, minha mente e alma. Foi através da cia que superei minha depressão e encontrei o alívio pra minha ansiedade, onde pude me descobrir na profissão que me escolheu (pois não foi eu quem a escolhi) e me motivou a revolucionar a vida de outras pessoas que assim como eu passaram por situações de vulnerabilidade social. Letícia Ferreira.

A Letícia Ferreira, no decorrer do projeto fez uma prova para a PUC-RJ e ganhou uma bolsa 100% para cursar a graduação de Assistência Social. Lembro exatamente do dia em que dei o livro *Os filhos do Brasil*¹⁹ para ela ler junto comigo. Eu estava procurando uma situação específica em que o Padre Renato relatou neste livro para inserir no espetáculo, Letícia me pediu para levar o livro para casa, pois queria terminar de ler. Um tempo depois veio me contar que tinha conseguido passar no vestibular e o tema da redação foi justamente o que esse livro abordava. Foi tanta felicidade saber que mesmo de uma forma indireta, este projeto e o tema em que trabalhamos em equipe auxiliaram na sua trajetória profissional. Talvez ela nem saiba, mas fez com que eu refletisse sobre o processo acadêmico e percebesse que tinha capacidade de conquistar o meu sonho de entrar na graduação. Estar trabalhando constantemente me tirou do objetivo de me graduar, mas afirmo que este projeto foi o que precisava para enxergar que tinha capacidade de me profissionalizar e desenvolver ainda mais o meu processo de escrita de projetos culturais. Ao final deste trabalho está disponível um apêndice com todas as respostas do formulário realizado com os alunos que passaram pelo projeto.

¹⁹ Os filhos do Brasil é um livro em que o Pe. Renato Chiera traz diversos relatos sobre o processo do surgimento da Casa do Menor, com alguns relatos de atendidos e colaboradores.

4. NÓS POR NÓS

De acordo com Paulo Freire²⁰ (1996) é na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos. A rebeldia por ser sempre colocado à margem da sociedade foi o que moveu este projeto. Colocar em destaque no palco, através dos nossos corpos, a resistência de continuarmos vivos e ecoando a nossa voz em meio ao caos instaurado.

A arte se tornou para esses alunos uma oportunidade de mostrar suas potencialidades, cada um na sua individualidade brilhou ao se tornar coletivo, pois este trabalho só acontece por terem pessoas dispostas a se desenvolverem e estarem abertas a novas descobertas. Não é um trabalho artístico voltado apenas a profissionalização, é um local de acolhimento e liberdade onde podem explorar o desconhecido em busca daquilo que desejam, seja ficar longe de casa, como era o meu caso quando comecei a fazer aulas no Centro Cultural Dom Adriano Hipólito, seja para desenvolver suas habilidades artísticas. Muito mais do que um local de fazer arte, é um local de ter voz, pois o ambiente propicia o debate sobre o território ao qual fazemos parte, sobre o nosso modo de enxergar a vida.

O senso de coletivo que desenvolvi foi totalmente por conta de me entender enquanto moradora da Baixada Fluminense e como essa condição afeta a falta de oportunidades na vida adulta. Isso me remete a uma música do rapper Emicida²¹ que diz “*tudo o que nós tem é nós*”, por isso o movimento *Hip Hop*²² se torna um instrumento dentro deste projeto. Na forma de falar de igual para igual, enquanto moradora deste território, tenho total consciência das dificuldades enfrentadas e isso não é deixado de lado ao lecionar neste ambiente, pois se torna uma ferramenta extremamente necessária para que nossos jovens desenvolvam estratégias para ascenderem profissionalmente, mesmo que não seja na área artística.

Já que o Poder Público não demonstra se importar com o fazer artístico dessa região, haja vista a inexistência de editais municipais que fomentem as artes, o que

²⁰ Paulo Freire foi um educador e filósofo brasileiro. Considerado um dos pensadores mais notáveis da pedagogia mundial e também o patrono da educação brasileira.

²¹ Emicida é um rapper, cantor, compositor e apresentador brasileiro. Considerado uma das maiores revelações do Hip Hop na década de 2000.

²² O movimento Hip Hop é uma cultura popular que surgiu nas comunidades afro-americanas da periferia de Nova York na década de 70.

nos resta enquanto moradores e fazedores de cultura é se tornar o agente transformador do que desejamos. Como o Tiaraju D'Andrea (2022) destaca, é nós por nós, fazendo a economia criativa existir e acontecer em regiões periféricas. Na teoria é muito mais fácil do que na prática, pois enquanto fazedores de cultura também precisamos sobreviver neste sistema capitalista que estamos inseridos. Sem trabalhar na instituição eu não teria artifícios e/ou ferramentas para executar este projeto, que nasceu do meu desejo de utilizar a nossa vivência territorial e transformá-la em um produto artístico. Produto que viria posteriormente a ser utilizado também como uma apresentação do que a instituição promove artisticamente em seus espaços de desenvolvimento comunitário em diversas regiões da Baixada Fluminense.

Acessar os espaços que foram negados a nossos corpos periféricos é como gritar que resistimos diante das dificuldades, e fazer isso levando um espetáculo artístico que aborda a temática territorial no qual estes jovens estão inseridos tem um significado ainda mais especial. Fazer parte dessa instituição e ter a possibilidade de desenvolver o projeto “Corpo Expressa Urbanidades” foi o caminho necessário de descobertas não só minha, como de todos que tiveram a oportunidade de fazer parte dele.

Ser aluna da Casa do Menor São Miguel Arcanjo, me tornar funcionária do departamento administrativo e em seguida professora tendo a possibilidade de idealizar e desenvolver o Projeto Corpo Expressa Urbanidades que germinou no tema deste Trabalho de Conclusão de Curso “Cia de Artes Presença: A formação de uma arte educadora em um projeto social” demonstra a força que o trabalho cultural em conjunto com a assistência social da instituição tem nos bairros em que atua.

Com as minhas vivências foi possível constatar a importância como a arte exercida pela CMSMA auxilia no processo de protagonismo e descoberta na vida de diversos jovens moradores da Baixada Fluminense. No momento em que estava passando por tudo aquilo não era capaz de perceber, e agora tendo a oportunidade de construir esse olhar de fora para dentro, tenho a certeza da minha escolha profissional e o desejo de dar continuidade nesta missão tão necessária de oferecer aos nossos jovens a chance de se descobrir, se encontrar e porque não se curar das ausências, já que o foco deste trabalho é ser presença.

Contribuindo com a juventude nesse processo de protagonismo e autonomia,

a arte auxilia neste processo com sua imensa riqueza de atravessar barreiras inimagináveis e tocar no local mais íntimo do ser humano, sensibilizando e dando a luz necessária para acender o caminho que antes estava escuro, sendo tampado pela falta de oportunidades para quem mora em bairros periféricos.

Se empoderando do nosso território que é sempre marginalizado e dando o significado de resistência, mostrando através da arte que todo lugar é digno de ser visto. E muito mais do que ser visto, precisa receber investimentos do Poder Público para que não seja um projeto pontual, o acesso a cultura é um direito constitucional de toda a população. Este projeto só foi possível ser realizado graças à premiação de um edital cultural da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. E agora? O que acontece cinco anos depois da finalização deste projeto? As atividades da instituição seguem em andamento, mas é necessário investimento financeiro para que seja possível a realização de processos artísticos e pedagógicos.

É necessário amplificar a nossa voz periférica, mas para isso nossos jovens precisam estar preparados e reconhecer a importância de falar sobre o que sentimos ao pertencer a uma comunidade esquecida e invisibilizada. Ter voz quando todos tentam nos calar é mais doloroso, porém com a arte isso se torna possível, pois podemos nos expressar sem o medo do julgamento por estarmos em um ambiente acolhedor que propicia este debate e empoderamento. Sabemos que nem todos os ambientes estão preparados e nem querem entrar nesse assunto, mas para uma instituição que nasce devido ao assassinato de um jovem negro, não tem nada capaz de calar a dor que se propaga neste território a não ser a presença de amor e oportunidades.

O que a Casa do Menor desenvolve ao longo dos seus 37 anos de existência já foi tema de diversos trabalhos acadêmicos, mas este é o primeiro que tem como foco a cultura. Para mim é de suma importância mostrar como a arte é significativa para nossas crianças e jovens atendidos pelos projetos de desenvolvimento comunitário, justamente por ter sido aluna dos projetos culturais e ter feito parte do grupo artístico que se apresenta mostrando os resultados da instituição. Sei o quanto minha percepção de vida mudou ao me descobrir e perceber que poderia ser o que eu quisesse e não o que me condiciona a sociedade ao nascer em uma família em que todos os meus tios e tias não terminaram o ensino fundamental e minha mãe foi a única que conseguiu terminar o ensino médio. Aqui estou

finalizando a minha graduação, na qual só percebi ser capaz de entrar ao me tornar professora nesta instituição e idealizar este projeto em meu primeiro ano nesta função.

Sempre disse aos meus alunos que se eu consegui chegar até aqui, todos eles também conseguem, pois não temos nada de diferente, nascemos na mesma região e passamos pelas mesmas dificuldades. A arte amplificou a minha voz e estou aqui para fazer ecoar tantos outros que represento. Como para mim parece que tudo termina em arte, finalizo com uma poesia que escrevi no meu primeiro ano na UFAL em 2019.

Estamos aqui falando sobre ética
Como ajudar a humanidade a se humanizar
Mas tu já percebeu que nem você,
no papel do professor sabe o que realmente explicar

Nossa educação está cada vez mais escassa
O professor não pode fazer o aluno a ter senso crítico
Senão está sendo corrompido por algum político

O senso crítico está enraizado
Não preciso de um professor pra me dizer que o meu povo é discriminado

Sobe o morro da favela, conversa com os 'menó'
Pergunta quem vai lá em cima dizer que eles podem ter um futuro melhor

Eu subia toda semana
Shangri-lá e Mutirão
Para levar a minha arte como ferramenta de transformação

Eu me emociono ao lembrar
Porque eu nasci de lá
Sai do Rio de Janeiro
Pra em Maceió vir me formar

Então não vem com esse papinho de ética e cidadania

Quando eu 'tava' lá no morro
Policial nenhum me dava bom dia

Mas por eu ser mulher, sempre fui sexualizada
Tenho que ser omissa para ser respeitada?
Todo mundo quer fazer discurso bonito
Mas poucos são os que se dispõem
A ir nos pobres, marginalizados
Levar educação, deixar o seu legado

Porque o estado já lavou as mãos
O governador disse que pode atirar
O prefeito fala que não tem como cuidar
Quem é que vai se responsabilizar?

Entrei no teatro porque sei que a minha missão de vida
é ir até o favelado e dar outro caminho,
sem ser o do traficante que faz ele de aviãozinho.

Todo mundo já sabe que
A carne mais barata do mercado é a carne negra
Até quando você vai fechar os olhos?
Tu não percebe que isso vai além de esquerda e direita

Tô cansada de falar da paz pra pessoas que só fazem militância na internet
Eu quero ver tu ir comigo,
Lá no meu povo,
E mostrar que a arte
Não é coisa de vagabundo
Porque eu saí de Miguel Couto
Para rodar o mundo.

A minha dança me levou na Itália e na França
Eu só quero fazer brilhar os olhos das minhas crianças
porque sem elas perceberem me deram muita esperança

Eu sou aquela que veio conscientizar uma multidão,
a não abaixar a cabeça para a discriminação
Eu sou aquela que nasceu pra mostrar que o pobre tem o seu lugar,
mas é no topo como destaque
e não a mercê da criminalidade

Um dia me perguntaram por que me importo com o preto, pobre, favelado
Respondi que essa sou eu, me importo com minha origem e não vou passar pano
pra quem me causa vertigem.

Laís Paiva

REFERÊNCIAS

Livros

CHIERA, Renato. **Presença: contribuições para uma educação de inclusão.**- Vargem Grande Paulista, SP. Cidade Nova, 2º edição - 2008

CHIERA, Renato. **Filhos do Brasil: um caminho de solidariedade na Baixada Fluminense** - São Paulo. Cidade Nova, 3º edição – 2009

D'ANDREA, Tiaraju Pablo **A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo** / Tiaraju Pablo D'Andrea. -- 1. ed. -- São Paulo. Dandara, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PAES MANSO, Bruno. **A república das milícias: Dos esquadrões de morte à era Bolsonaro** / Bruno Paes Manso. – São Paulo: Todavia, 1º edição - 2020.

Artigos

DUARTE, Constância L.; Nunes, Isabella R. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo** / Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 1º edição - 2020.

Leis e decretos

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Art. 215. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=CF&abrirArtigo=215#:~:text=Da%20Cultura-,Art.,a%20difus%C3%A3o%20das%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais.&text=Art.,-1%C2%B0%20da> > Acesso em: 30/08/2023 às 20:01

Músicas consultadas

Álbum: Amarelo; **Principia - Emicida part, Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira e Pastoras do Rosário**. Lançamento: 2019; São Paulo

Páginas visitadas

Desigualdade na Baixada Fluminense. **Observatório Legislativo da Intervenção Federal na Segurança Pública do Rio de Janeiro**. [s.d] Disponível em: <<http://olerj.camara.leg.br/retratos-da-intervencao/desigualdade-na-baixada-fluminense#:~:text=Em%20torno%20de%203%2C7,estado%20do%20Rio%20de%20Janeiro.>> Acesso em: 18/03/2023 às 22:11

Equipe editorial de Conceito.de. Territorialidade - O que é, conceito e definição **Conceito de**. (31 de Ago. de 2016). Atualizado em 4 de Junho de 2019. Disponível em: <<https://conceito.de/territorialidade#:~:text=Existem%20ainda%20outras%20formas%20de,a%20identidade%20de%20uma%20pessoa.>> Acesso em: 20/03/2023 às 21:32

Dois milhões de crianças e adolescentes de 11 a 19 anos não estão freqüentando a escola no Brasil, alerta UNICEF. **Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)**. São Paulo, 15 de Set. 2022. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-de-11-a-19-anos-nao-estao-frequentando-a-escola-no-brasil>> Acesso em: 01/04/2023 às 11:15

Brasil tem quae 1,4 milhão de crianças e adolescentes fora da escola, diz estudo da UNICEF com dados do IBGE. **G1**. 28 de jan. de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/volta-as-aulas/noticia/2021/01/28/brasil-tem-quase-14-milhao-de-criancas-e-adolescentes-fora-da-escola-diz-estudo-do-unicef-com-dados-do-ibge.ghtml>> Acesso em: 01/04/2023 às 11:17

APÊNDICE – FORMULÁRIO

Nome:

1. Raíssa de Oliveira Petrilho
2. Yago Luís
3. Gabriel Henrique da Silva Lopes
4. Hellen Costa
5. Letícia Cristina Ferreira da Silva
6. Maria helena
7. Lucas Cortes Chaves
8. Grayce Andley
9. Wesley Vitório da Silva Oliveira
10. Wallace Santos
11. Ygor Pereira Do Nascimento

Como você conheceu a Cia de Artes Presença?

1. Através de uma amiga
2. Através de amigos, aos 9 anos
3. Através de pessoa que conviviam comigo e dançava na cia de artes presença.
4. Através de amigos
5. Desde muito nova conheço tanto a Instituição quanto o papel que ela desempenha.
6. Um amigo que me levou até a casa do menor
7. Quando entrei para o centro cultural da casa do menor iniciei na arte circense, no entanto, meses após dar início ao circo, eu soube que haviam aberto vagas para a dança e me inscrevi. A primeira turma era de poucos alunos e eu era um deles. Com o passar do tempo a resistência pela continuidade da dança foi se consolidando, até que fizemos nossa primeira apresentação. Éramos apenas 3 dois dançarinos: meu amigo Igor, a professora Laís e eu, e este dia em diante a Cia criou forma e nosso grupo estava aos poucos se formando, viajando para outros estados - como São Paulo e Paraíba - e para

outras regiões localizadas no Rio de Janeiro, sendo Cabo Frio minha primeira viagem com a Cia. A Cia estabeleceu uma grande força, nos tornando responsáveis por representar a Casa do Menor em diversos eventos, levando a pedagogia presença, a arte de amar, para todos os públicos.

8. Através de amigos de outra Cia que eu participava.
9. Através de uma amiga
10. Conheci através na nossa professora Laís Paiva, quando a Casa do Menor estava completando os seus 35 anos, fui convidado para participar dessa cia maravilhosa
11. Por indicação de amigos

Como foi a experiência de vivenciar os workshops com artistas externos a instituição (Christian Santos, Arielle Macedo e Juliana Nascimento)?

1. Foi ótimo, se eu pudesse voltaria no tempo, pra fazer tudo diferente. Ou seja , aproveitar muito mais cada experiência nova..
2. Algo incrível, por que esses três nomes aí são pessoas grandiosas, e a gente da baixada acha ou as vezes tem em mente q chegar perto deles é impossível por causa da falta de oportunidade, e isso foi uma coisa incrível e inesquecível, pq dançar com pessoas que vc admira é surreal
3. Essa vivência vai ficar marca e registrado no meu histórico por toda minha vida, não sei como me expresas mesmo tendo dificuldade, mas com todo carinho e palavras bonitas que posso dizer, muito obrigado, só tenho agradecer! Pela oportunidade e por me ajudar a ser quem eu sou e por me permitir a sonhar.
4. Maravilhoso, oportunidade q eu não teria se não fosse por causa da casa do menor
5. Ter experiências com artistas diversificados que vivem da arte foi gratificante e ao mesmo tempo desafiador, pois nos permitiu enxergar um leque de possibilidades e estilos de danças diferentes.
6. Incrível!
7. Foram experiências enriquecedoras!!! Eles trouxeram um pouquinho da sua história e técnica para agregar no corpo coreográfico da CIA e na experiência de dança de cada aluno que participou dos workshops. Poder conhecer cada

um destes artistas foi um privilégio, pois são artistas que batalharam muito pra chegar onde chegou, tendo suas histórias exemplos de força e resistência.

8. Simplesmente incrível! Na época a facilidade de ter contato nessa área era praticamente nula, pois ou trabalhava ou participava dos workshops que além de tempo a requeria valores que apesar de não tão altos na minha realidade não se encaixava. E poder ter contato com artistas da área que eu admirava foi surreal! Fez com que meus sonhos se tornassem mais palpáveis, me deu mais uma energia, mais gás pra viver da arte que amo!
9. Foi incrível, não imaginava vivenciar tudo o que vivi.
10. Foi maravilhosa essa experiência, momentos de aprendizado que a instituição nos ofereceu, eu era uma pessoa leiga na dança. Nesses workshops eu consegui me soltar mais e ter mais experiência nas danças.
11. Foi gratificante e muito maravilhosa, foram 3 profissionais incríveis. Foi uma experiência inesquecível que guardo com muito carinho assim como minha passagem pelo corpo expressa urbanidade.

**Você viveu a Pedagogia Presença no tempo em que participou do projeto?
E após sair?**

1. Simm
2. Eu vivo tudo aquilo até hoje, e vou viver sempre.... O projeto as pessoas, o espetáculo as apresentações, são coisas que fazem parte de mim, o Yago tem um pedacinho de tudo aquilo, hoje o Yago é um excelente profissional, formado, um ótimo trabalhador, dono da própria vida, independente e anda de cabeça erguida graças ao projeto, graças ao padre Renato e graças a Laís Paiva. Que me ensinaram a ser filho amado, e que o crime nunca é uma opção, mas ser estudado, trabalhador, ser empático e honesto isso sim é.
3. Sim, como ser humano aprendi que, posso me permitir e me respeitar, a errar, como acertar e não achar que foi de mais ou de menos, minha convivência com meus parceiros durante o projeto foi um aprendizado até mesmo para mim saber lidar com certas situações e com pessoas que conhecia e convivia durante minha trajetória. Após sair levei minha experiência a platicar com meus amigos e colegas e principalmente com meus familiares.

4. Sim, agora eu vivo também, mas agora proporcionando isso as pessoas como instrutora
5. Sim, a pedagogia presença além de ser forte na Cia de arte e presença, faz parte do nosso dia a dia. Tanto em casa, quanto na rua. Pois está em todo lugar: Seja nos desafios de levantar da cama pra enfrentar a labuta diária, na empatia com o próximo, na sabedoria pra mediar conflitos, esta em um abraço de conforto, em escutar o próximo sem esperar nada em troca, é se fazer presente mesmo sem está presente. Esta desde os pequenos a grandes gestos.
6. Sim, enquanto estava ali fiquei entregue a todo momento, a toda experiência compartilhada. Após sair todo conhecimento adquirido contribuiu para a forma que enxergo o mundo hoje.
7. Eu costumo dizer que levarei para a minha vida toda a pedagogia presença, com isso a vivo o tempo todo. Foi por meio dela que conheci a arte vendo-a como um meio de transmitir amor, acolhimento e alegria, levando-a para quem precisa. Ser artista e poder arrancar um sorriso de alegria das pessoas por meio do que amamos fazer (dança, teatro, circo,etc), utilizando-se desta pedagogia, é algo transformador.
8. Apesar de ser um grande desafio, vivi a cada experiência a pedagogia presença. Nos eventos, nas apresentações, nos ensaios e principalmente nas viagens, pois conviver com pessoas de hábitos, criações e características diferentes por muito tempo pra mim era o maior desafio. Mas o dom do recomeço sempre se fez e faz presente na minha vida no crescimento pessoal e espiritual! E apesar de ter ficado alguns meses afastada do projeto na época por motivos pessoais, o projeto e a pedagogia presença não se afastaram de mim e me arrebataram a dar continuidade a semente plantada pela minha professora e amiga Laís Paiva, pois sai de aluna a professora até o presente momento e espero perpetuar esse legado com os meus alunos e afins.
9. Sim, também.
10. Sim, até hoje vivo a pedagogia presença, hoje trabalho nessa mesma instituição, vivo ela dentro do meu trabalho e fora também.

11. Todos os dias, não digo que é fácil. Mas os ensinamentos do grupo me acompanham diariamente dentro da minha casa e no trabalho.

O objetivo principal do projeto era expressar corporalmente através da dança e do teatro as nossas vivências diárias enquanto moradores da Baixada Fluminense, fomentando a cultura do bairro de Miguel Couto. Qual o legado que vivenciar esta experiência deixou na sua vida? (seja de forma pessoal ou profissional)

1. Com certeza foi o PHN na canção nova , apensar de ser a minha primeira viagem com a cia .. e sem contar que o Gen fest foi a outra viagem que eu viveria tudo de novo, eu aprendi cada coisa com a cia , que vou levar pra vida toda!
2. Até hoje é algo que mexe muito comigo, pois o que a gente apresentava não era só um espetáculo legal ou lindo, emocionante pra muitos, era a nossa realidade... Era algo que a gente que mora na baixada fluminense infelizmente estamos acostumados a ver, mas o espetáculo nos ensinou muito, por que quando a oportunidade não vem até nós, nós vamos até ela.
3. Deixe marcas, a minha história não deixa de existir, todos nos vamos em algum lugar, momentos e os que virão um dia também irão, mas minha marca, meu registro, os meus passos e os meus gestos podem viver e viver.
4. Eu aprendi a lidar com pessoas, vi a realidade de muitas pessoas que eu não sabia q existia (com as viagens), viajei por muitos lugares incríveis, conheci pessoas q sou amiga ate hoje e quero levar pra vida, sou muito grata ao acolhimento, por terem feito parte do meu molde como pessoa, eu me soltei bastante após ter participado do desenvolvimento
5. A Cia de arte e presença mudou a minha perspectiva para além da dança e da arte em si. Me permitiu a conexão com meu corpo, minha mente e alma. Foi através da cia que superei minha depressão e encontrei o alívio pra minha ansiedade, onde pude me descobrir na profissão que me escolheu (pois não foi eu quem a escolhi) e me motivou a revolucionar a vida de outras pessoas que assim como eu passaram por situações de vulnerabilidade social.

6. Olhar além da minha perspectiva, entender que a minha postura como chego, falo, me movo, entrega uma expressão por onde passo.
7. As experiências foram muito construtivas e edificantes. A existência desse projeto foi muito importante na construção de novos ideais por parte do meu desenvolvimento pessoal e profissional também, pois eu tinha muitas limitações e vivia dentro de uma bolha que não permitia que eu me abrisse para o mundo. E conhecer a Cia de Artes Presença me fez abrir os olhos para o mundo, para diversas realidades e me ensinou a lidar com elas e com as diferenças de uma maneira mais sólida, mais fluida e com mais amor. Portanto, o legado dessa Cia é repleta de transformações e de construção de novos ideais.
8. A nunca desistir de resgatar vidas com a minha arte! E quando falo de resgate não é apenas da vulnerabilidade social mais também da afetiva que pra mim toca de forma mais acentuada. Ao longo do projeto nos tornamos família e eu por ser a integrante mais velha acabei que me tornando "mãe" até mesmo da minha professora em alguns momentos e o legado a mim deixado foi o do "CUIDADO" tanto na área profissional quanto na pessoal.
9. Ajudar o próximo, me dedicar ao máximo em minhas atividades! A ter ética e educação com o próximo.
10. Essa experiência me fez crescer muito como pessoa e como profissional, hoje assumo uma área dentro da instituição que é de suma importância e esse legado eu levarei para sempre
11. Me ensinou sobre meu lugar na sociedade como jovem negro e homossexual e sobre União acima de tudo. Sobre família e sobre como a arte une pessoas de todos os tipos.

Aqui você pode escrever qualquer coisa que tenha vontade de dizer e as perguntas não tenham sido suficientes para expressar:

1. Nada a dizer!
2. Ahh titia Laís eu que tô me sentindo grato de tá fazendo parte disso tudo, juro que escrevi isso com umas lágrimas caindo, mas de felicidade hahahahaha, eu tenho certeza que dá forma que vc mudou a minha vida você tá mudando a vida de muitos, você tá sendo luz pra muitos jovens, adultos etc. Como você

sempre, um dia poderei retribuir tudo de bom que já fizeste por mim, toda a paciência que teve comigo e é isso, te amuuuuuu.

3. (Sem resposta)
4. (Sem resposta)
5. (Sem resposta)
6. Esse projeto me ajudou muito a conquistar auto-estima, eu era uma quando entrei e após sair me encontrei como outra pessoa. Pessoa essa que apesar da grande timidez me permitia pelo menos tentar (antes nem tentava kk).
7. A Cia foi um ciclo na minha vida, que atualmente, se encerrou, mas que levo com muito amor, dentro do meu coração, cada momento que vivi como membro dela. Foram momentos de trocas, de energias, de conhecimento, de presença, de amor, de fazer-se um... Foi de um grande aprendizado que ajudou no meu amadurecimento e formou parte do que sou hoje em dia. A gratidão transborda em meu coração toda vez que me lembro, vejo fotos, vídeos, etc, dos momentos que passei com todos os meus amigos de grupo, todas as viagens e até mesmo os aborrecimentos (rs) e saber que fiz parte desse processo desde início me deixa muito feliz e orgulhoso, não faria diferente se pudesse voltar no tempo. A professora Laís, parabéns por ter chego até aqui e acreditado em nós, seus ex e pra sempre alunos, e principalmente em si mesmo. Sempre foi uma mulher forte e determinada, focada nos objetivos e que, agora, compõe um dos maiores exemplos da pedagogia presença da Casa do Menor. Desejo a ti todo sucesso do mundo!!! Já é 10 nesse TCC. TE AMO! ♥
8. O meu sonho é que projetos como o que eu participei sejam multiplicados igual ou de forma aprimorada pois a ARTE TRANSFORMA, RESGATA E SALVA VIDAS. Conto e acredito em você!
9. Obrigado pela força e incentivo, Laís! Sem você eu não estaria onde estou. Obrigado por ter entrado em minha vida.
10. Agradeço a professor Laís por ter me proporcionado cada momento vivido dentro da Cia de artes presença, graças a instituição e a Laís hoje me tornei a pessoa que sou.
11. (Sem resposta)